



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

JORDANE FERNANDES ALVES

A ALTERNÂNCIA SUBJUNTIVO/INDICATIVO EM ORAÇÕES
INDEPENDENTES NA FALA DO CARIRI

FORTALEZA - CE

2014

JORDANE FERNANDES ALVES

**A ALTERNÂNCIA SUBJUNTIVO/INDICATIVO EM ORAÇÕES
INDEPENDENTES NA FALA DO CARIRI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Linha de pesquisa: Descrição e Análise Linguística
Orientadora: Prof.^a Dra. Hebe Macedo de Carvalho

FORTALEZA - CE

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- A479a Alves, Jordane Fernandes.
 A alternância subjuntivo/indicativo em orações independentes na fala do Cariri
 / Jordane Fernandes Alves. – 2014.
 99 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação(mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,
 Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística,
 Fortaleza, 2014.
 Área de Concentração: Linguística.
 Orientação: Profa. Dra. Hebe Macedo de Carvalho.
- 1.Língua portuguesa – Português falado – Cariri (CE : Microrregião) – Tempo verbal.
 2.Língua portuguesa – Cariri (CE : Microrregião) – Orações. 3.Língua portuguesa –
 Aspectos sociais – Cariri (CE : Microrregião). I.Título.

CDD 469.798131

JORDANE FERNANDES ALVES

**A ALTERNÂNCIA SUBJUNTIVO/INDICATIVO EM ORAÇÕES
INDEPENDENTES NA FALA DO CARIRI**

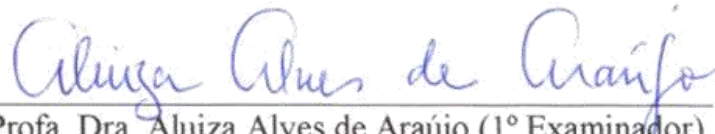
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Aprovada em ___ / ___ / ___

BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. Hebe Macedo de Carvalho (orientadora)
Universidade Federal do Ceará - UFC



Profª. Dra. Aluiza Alves de Araújo (1º Examinador)
Universidade Estadual do Ceará - UECE



Profª. Dra. Márcia Teixeira Nogueira (2º Examinador)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Profª. Dra. Márluce Coan (1º Suplente)
Universidade Federal do Ceará - UFC

A D. Osmarina, mulher simples,
de verbo firme e assídua generosidade.

AGRADECIMENTOS

Às escolas públicas em que estudei ao longo dos onze anos de ensino básico, pela educação de qualidade e por me proporcionarem os primeiros mergulhos no mar de leituras, escrituras, devaneios;

À Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), pelo acolhimento ao longo dos quatro anos de graduação e pelo desenvolvimento da minha formação enquanto sujeito dentro e fora da academia;

À Universidade Federal do Ceará (UFC), em especial ao Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL), pela acolhida e por acreditar na realização desse trabalho;

À CAPES, por financiar essa pesquisa;

À Antônia, à Vanessa e ao Eduardo, por serem sempre solícitos e atenciosos toda vez que alguma dúvida surgia a respeito dos mais diversos assuntos e burocracias documentais;

À Prof^a. Maria Izabel Magalhães, por ter me orientado ao longo do primeiro ano de pós-graduação;

À Prof.^a Maria Elias, pelas sugestões, pelo empréstimo de materiais e pela disponibilidade;

À Prof^a. Aluiza, pela disponibilidade, pela atenção e por estar presente nas etapas mais importantes do desenvolvimento dessa pesquisa;

Ao Sávio, pelo ‘aulão’ particular sobre GOLDFARB e pela disponibilidade;

Ao Cristiano, ao Thiago (*irbã*) e ao Luiz (apelido impróprio 1), por serem, mesmo distantes, amigos, colegas, conselheiros, consultores, por serem cúmplices dessa etapa;

Aos *meus/minhas* *amad@s*, Lucas, Ivy, Ralpho, Jeffy, Joa, Mi e Bru pela amizade, pelo incentivo, pela presença na ausência, por me ouvirem e por serem sempre incríveis;

Ao Daniel, por ser um companheiro para todas as horas e por não me deixar desistir nem nas mais homéricas crises existenciais;

À Deb (*maridã*), pela parceria, pelo carinho, pela confiança, pela motivação, pela preocupação, pelo apoio e por dividir angústias e sofrimentos de todas as esferas possíveis, madrugadas a dentro;

Ao Eliabe, por ter sempre em mãos algum material de apoio, uma sugestão teórica, um artigo garimpado na rede, pela amizade e por ser sempre tão solícito;

Aos formadores do trio-do-“J”, Jards e Júlio César, pelas indicações, micro-discussões, conversas, debates das mais variadas naturezas;

Ao Lucineudo, por ser além de colega, um grande parceiro de prosa, pela incomparável solícitude e pela humildade ímpar;

À Hermínia, pela amizade, pelo coleguismo, pela cumplicidade, por dividir as angústias e por ser uma ‘quase-mãe’;

Ao Emerson, por ser um colega/amigo sem igual, pela generosidade sem tamanho, por ter sempre um edital de concurso para compartilhar, pela cumplicidade, pela preocupação, pela fiel disponibilidade e, principalmente, por correr contra o tempo, até o final dessa etapa, nunca à frente, sempre ao lado;

Ao Samuel (*samuca*), pela cumplicidade, pela amizade, pelos bares, pelas filosofias e outras demandas ao longo das madrugadas, por me ouvir, por se preocupar, por dividir e, principalmente, por deixar os dias mais iluminados e cheios de poesia;

Aos meus (ex-) alunos, pelos sorrisos, pela confiança, pelo carinho, pela troca mútua e pelo aprendizado diário;

Aos amigos que conquistei nessa jornada, aos que me distanciei fisicamente por força das circunstâncias, aos que me reaproximei e aos que reencontrei pelo caminho, pelo apoio e pela compreensão;

À minha família-cearense, Luiz Antônio (*nonô*), Eliane (*morango*), Lia (apelido impróprio 2), Rodrigo (*ioiô*) e Daniel (*bô*), por me acolherem, pelo carinho, por sempre me apoiarem e torcerem pelo meu sucesso, pela morada, pelo cuidado e pelo amor que nos fizeram família e por serem, de um jeito tão simples e tão bonito, pessoas incríveis;

À Prof^a. Hebe, por me acolher, por sempre me guiar com responsabilidade, pela simplicidade, pelo sorriso ímpar, pela preocupação, pelos empréstimos bibliográficos, pela confiança, pelo companheirismo e pela fundamental contribuição para a realização desse trabalho;

A todos aqueles que, de alguma forma, colaboraram e torceram pela realização dessa etapa;

À vida, pela caminhada, pelas sinuosidades, pelos encontros, pelo tempo, pela aprendizagem, pela chance, pelo (auto-) conhecimento, pelo querer, pelo sentir e por todas as experiências, das mais diversas naturezas, por ela ofertadas...

“Eu canto em português errado
Acho que o imperfeito não participa do
passado
Troco as pessoas
Troco os pronomes”

(Renato Russo)

RESUMO

Neste estudo, investigamos a alternância entre os modos verbais subjuntivo e indicativo em orações independentes na fala do Cariri, região localizada ao sul do Ceará. Os dados foram extraídos do Projeto PROFALA, que contempla o banco de dados *O português falado no Ceará*, sediado na Universidade Federal do Ceará, no Programa de Pós Graduação em Linguística, com informantes estratificados em faixa etária (15-26, 27-49 e 50 em diante), sexo (masculino e feminino) e anos de escolaridade (0-8, 9-11). O principal objetivo desse trabalho é descrever a variação entre subjuntivo e indicativo em orações independentes dubitativas, analisando os ambientes que restringem o uso do subjuntivo, bem como os ambientes que favorecem a alternância entre os modos. Para isso, selecionamos quatro variáveis linguísticas – padrão morfofonológico do verbo, marcador dubitativo, tempo verbal da oração e tipo de verbo da oração, além das variáveis sociais clássica – sexo/gênero, escolaridade e faixa etária. Assim, verificamos a atuação desses grupos de fatores no favorecimento do uso do subjuntivo em orações independentes. Os dados foram quantificados por meio do programa estatístico GOLDVARB X e analisados à luz da Teoria da Variação e Mudança, por meio dos estudos de Labov (1968; 1972; 1994; 2001; 2008), uma vez que concebem a língua como sistema heterogêneo e suscetível às pressões de uso e, conseqüentemente, aos mais diversos processos de variação. Nossos resultados apontam para as variáveis linguísticas *padrão morfofonológico*, *marcador dubitativo* e *tempo verbal* como favorecedores do subjuntivo na comunidade de fala analisada. Quanto às variáveis sociais, apenas *gênero/sexo* foi selecionada pelo programa estatístico, com resultados que apontam os homens como mais favorecedores das formas subjuntivas que as mulheres na fala do Cariri.

Palavras-chave: Sociolinguística, Variação linguística, Alternância subjuntivo/indicativo

ABSTRACT

This study investigates the alternation between the indicative and subjunctive verbal moods in independent clauses in the spoken Portuguese of Cariri, region located in the south of the Brazilian state of Ceará. The data were extracted from PROFALA Project, which includes the database "The spoken Portuguese in Ceará", headquartered at the Federal University of Ceará, in the Graduate Program in Linguistics. This corpus consists of approximately 125 hours corresponding to 176 interviews with informants stratified by age group, sex and instruction level. The main objective of this research is to describe the variation between subjunctive and indicative in dubitatives independent clauses, analyzing environments that restrict the use of the subjunctive, as well as environments that promote switching between moods. Four linguistic variables were selected - morphophonological default verb, doubter marker, tense of the clause, verb type of the clause, besides the classical social variables - sex / gender, education and age. Thus, it analyzes the performance of these groups of factors in favor of the use of the subjunctive or alternation with the indicative mood in the independent clauses. The data were quantified using the statistical program GOLDVARB X and analyzed according to the Theory of Variation and Change, through studies of Labov (1968 , 1972 , 1994, 2001 , 2008), since they conceive language as a heterogeneous system susceptible to pressure of use and, therefore, the various processes of variation. The results indicate all linguistic variables controlled in this study as favoring subjunctive alternation in analyzed speech community. All indices showed high percentage in favor of the use of the subjunctive variant in independent clauses in the spoken language of Cariri. Concerning social variables, only gender / sex was selected by the statistical program, with results that indicate men use more subjunctive forms than women in speech Portuguese of Cariri .

Keywords : Sociolinguistics. Language variation. Switching subjunctive / indicative.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição dos informantes do <i>corpus</i> do Cariri (PROFALA).....	42
Quadro 2 – Redistribuição dos informantes do <i>corpus</i> do Cariri (PROFALA).....	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Atuação do padrão morfofonológico do verbo no uso do subjuntivo na fala do Cariri.....	52
Tabela 2 – Atuação da variável tempo verbal em função do padrão morfofonológico do verbo no uso do subjuntivo na fala do Cariri.....	52
Tabela 3 – Atuação do marcador dubitativo no uso do subjuntivo na fala do Cariri.....	55
Tabela 4 – Atuação do padrão morfofonológico do verbo em função do marcador dubitativo no uso do subjuntivo na fala do Cariri.....	56
Tabela 5 – Atuação do tempo verbal no uso do subjuntivo na fala do Cariri.....	59
Tabela 6 – Atuação da variável marcador dubitativo em função do tempo verbal no uso do subjuntivo na fala do Cariri.....	60
Tabela 7 – Atuação do tempo verbal na fala do Cariri.....	60
Tabela 8 – Atuação dos verbos da oração no uso do subjuntivo.....	63
Tabela 9 - Atuação do marcador dubitativo em função dos verbos com uso categórico do subjuntivo.....	66
Tabela 10 – Atuação do marcador dubitativo em função dos verbos com uso categórico do indicativo.....	68
Tabela 11 – Atuação do marcador dubitativo em função dos verbos em contexto de alternância fala do Cariri.....	73
Tabela 12 – Atuação do marcador dubitativo em função do contexto de ocorrência..	74
Tabela 13 – Número de verbos e respectivas ocorrências em função do contexto de uso.....	75
Tabela 14 – Atuação dos modos subjuntivo e indicativo no Cariri.....	76
Tabela 15 – Atuação do gênero/sexo na fala do Cariri.....	81
Tabela 16 – Atuação do gênero/sexo no uso do subjuntivo na fala do Cariri.....	81
Tabela 17 – Atuação da escolaridade em função do gênero/sexo no uso do subjuntivo na fala do Cariri.....	83
Tabela 18 - Atuação da faixa etária em função do gênero/sexo no uso do subjuntivo na fala do Cariri.....	83
Tabela 19 - Atuação da faixa etária no uso do subjuntivo na fala do Cariri.....	84
Tabela 20 - Atuação da escolaridade no uso do subjuntivo na fala do Cariri.....	86

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentual de uso dos verbos da oração de acordo com o contexto de uso.....	64
Gráfico 2 – Verbos da oração com uso categórico do subjuntivo	65
Gráfico 3 - Verbos da oração com uso categórico do indicativo.....	67
Gráfico 4 - Verbos da oração em contexto de alternância.....	69
Gráfico 5 – Número de ocorrências dos verbos em função do contexto de uso.....	75
Gráfico 6 – Atuação dos modos subjuntivo e indicativo no Cariri.....	77

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	17
2.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística.....	17
3 O MODO SUBJUNTIVO	27
3.1 O uso do subjuntivo na visão da Gramática Tradicional.....	27
3.2 Alguns estudos variacionistas sobre o modo subjuntivo.....	30
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	36
4.1 Objetivos, questões e hipóteses.....	36
4.2 Constituição da amostra: Cariri (PROFALA)	39
4.2.1 Envelope da variação.....	43
4.3 Análise quantitativa.....	46
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	49
5.1 Grupos de fatores linguísticos.....	51
5.1.1 Padrão Morfofonológico.....	51
5.1.2 Marcador dubitativo.....	54
5.1.3 Tempo Verbal.....	57
5.1.4 Verbo da oração.....	61
5.2 Grupos de fatores sociais.....	73
5.2.1 Gênero/sexo.....	73
5.2.2 Faixa etária.....	78
5.2.3 Escolaridade.....	79
CONCLUSÃO	83
REFERÊNCIAS	87
APÊNDICES	91
ANEXOS	95

1 INTRODUÇÃO

A fim de produzir uma teoria da mudança que acomodasse o uso variável da língua, Weinreich, Labov e Herzog (1968) introduziram o conceito de *variável linguística*, definida como o elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra.

O modelo variacionista proposto pelos sociolinguistas pode, então, ser entendido como uma proposta de investigação que atua nas relações entre língua e sociedade, possibilitando o estudo dos fenômenos ocorridos no uso da língua.

Em nosso estudo, investigamos a alternância entre subjuntivo e indicativo na língua falada do Cariri (região situada ao sul do estado do Ceará). Para realizar nosso estudo, utilizamos o *corpus* do Projeto Variação e Processamento da Fala e do Discurso: Análises e Aplicações – PROFALA, sediado na Universidade Federal do Ceará (UFC). Inicialmente, foram analisados 60 informantes, estratificados em função do sexo (30 homens e 30 mulheres), idade (15-26, 27-49, 50 em diante) e escolaridade (1-8 anos e 9-11 anos). Num segundo momento, redistribuímos as células de nossa amostra e consideramos a análise de 48 informantes (24 homens e 24 mulheres) e mantivemos a escala dos demais grupos de fatores sociais.

As questões que nortearam nossa pesquisa nos guiaram, principalmente, a verificar em que medida a atuação dos marcadores dubitativos *talvez* e *quem sabe* influencia o uso do subjuntivo, avaliar a atuação dos grupos de fatores *padrão morfofonológico*, *tempo verbal* e *verbo da oração* no favorecimento ou na restrição do modo subjuntivo em orações independentes, além de investigar a atuação dos grupos de fatores sociais *gênero/sexo*, *escolaridade* e *faixa etária* no favorecimento do subjuntivo em processos de alternância com o modo indicativo.

Com base nessas questões, dentre os grupos de fatores sociais, supomos que quanto maior a *escolaridade* do falante, mais recorrente é o uso de formas subjuntivas; com a *faixa etária*, acreditamos que ocorra o mesmo processo: falantes com mais idade favorecem o uso do subjuntivo. Já com a variável *gênero/sexo* supomos que, assim como em outros trabalhos de cunho variacionista, não há diferença significativa entre os *gêneros/sexos* quanto ao uso do subjuntivo.

Quanto aos grupos de fatores linguísticos, acreditamos que os maiores favorecedores do modo subjuntivo em orações independentes na fala do Cariri sejam verbos anômalos e irregulares, no pretérito imperfeito, introduzidos, principalmente,

pelo marcador *talvez*. Supomos que os verbos da oração favoreçam o uso do subjuntivo tanto em contextos categóricos como em contextos de alternância.

No Nordeste, estudos com esse enfoque ainda são recentes e, dentre os poucos que existem, o foco da análise é direcionado para orações subordinadas. À luz da Teoria da Variação, objetivamos investigar a alternância entre os modos subjuntivo e indicativo a fim de descrever e analisar os contextos que favorecem ou restringem o uso do subjuntivo.

Assim, nossa intenção é ampliar e contribuir com a descrição desse importante fenômeno e posicionar o estudo de nossa pesquisa em relação aos trabalhos anteriores. Nosso trabalho busca contribuir com a descrição do falar caririense, situando a região Nordeste, bem como o Ceará, dentre estudos variacionistas em Língua Portuguesa.

Além disso, a fim de fornecer subsídios para a elaboração de políticas linguísticas mais justas e coerentes com a realidade linguística de seus usuários, nossa pesquisa também visa a colaborar com a realização de futuros estudos diacrônicos.

A importância para a constituição cultural do estado e a identidade linguística foram aspectos que consideramos também relevantes para investigarmos a distribuição e a variação do subjuntivo nessa comunidade de fala. Mais do que pela tradição cultural e por sua importância histórica, optamos investigar a fala da região do Cariri não só por ser uma comunidade que mantém traços regionais específicos, inclusive os linguísticos (não-palatalização de /t/ e /d/), mas também por preservar sua autonomia em relação à capital do estado.

O Cariri cearense fica ao sul do estado do Ceará e faz fronteira com outros três estados nordestinos – Pernambuco, Paraíba e Piauí. Cerca de 600km distante da capital cearense, tem como referências - cultural e econômica - as cidades de Juazeiro do Norte e Crato.

Outra importante característica dessa microrregião é a proximidade entre as cidades: zona rural e zona urbana se interpenetram, formando uma espécie de conurbação, conforme ilustra o mapa da seção 4 (subseção 4.2). Além disso, a região do Cariri cearense também é conhecida, historicamente, como o ‘oásis do sertão’, por ser banhada por correntes perenes dos rios Caldas (em Barbalha), Granjeiro e Batateira (no Crato).

Há na literatura a constatação de que as formas verbais, de acordo com o contexto em que são produzidas, podem ser distribuídas de diferentes maneiras: por mais que a literatura proponha que na fala o indicativo é o modo mais produtivo,

sabemos que existem ambientes que exigem o uso obrigatório do subjuntivo, outros que permitem a alternância entre os modos, bem como os que favorecem o indicativo.

Com base nessa distribuição, controlamos, em nosso *corpus*, os 3 ambientes supracitados - os que restringem o uso obrigatório do modo subjuntivo, os que restringem o uso obrigatório do indicativo e os que favorecem a alternância entre subjuntivo e indicativo -, não apenas para investigar o fenômeno da alternância, mas também para descrever os processos de atuação e distribuição do subjuntivo em orações independentes na fala do Cariri.

Segundo a sociolinguística laboviana, a língua não pode ser estudada fora de um contexto social, tendo em vista que as variações linguísticas são motivadas por pressões sociais. Mais do que enumerar e classificar estruturas, o interesse da Sociolinguística é tentar entender quais foram os grupos de fatores que condicionaram e atuaram na escolha do falante para que ele optasse por uma forma (estrutura) e não por outra.

Desse modo, optamos por uma análise que coloque em interface grupos de fatores linguísticos *padrão morfofonológico, verbo da oração, tempo verbal, modalidade, marcador dubitativo* e grupos de fatores sociais *sexo, escolaridade e faixa etária*.

No primeiro capítulo, delineamos os pressupostos teóricos que nos serviram de base para a análise dos dados. Nele, discutimos a importância e a relevância dos estudos sociolinguísticos variacionistas, bem como ressaltamos as contribuições da Teoria da Variação e da Mudança Linguística para o desenvolvimento de nossa pesquisa

No segundo capítulo, apresentamos três subseções sobre o estudo do modo subjuntivo: primeiramente, elencamos a visão de alguns gramáticos a respeito do modo subjuntivo. Em seguida, a fim de contrapor a visão normativa, resenhamos alguns trabalhos variacionistas sobre a questão da alternância modal (ROCHA, 1997; PIMPÃO, 1999; DOMINGOS, 2004; MEIRA, 2006; BARBOSA, 2013). Essas diferentes visões/abordagens foram de extrema importância para o desenvolvimento de nosso trabalho: além de nos ajudarem a entender algumas questões e problemas subjacentes ao fenômeno, também nos auxiliaram na análise e na interpretação dos dados.

No terceiro capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos que foram usados para a seleção e composição da *amostra*, além dos objetivos, das questões norteadoras e das hipóteses propostas pela pesquisa.

No quarto capítulo, descrevemos, analisamos e discutimos a ocorrência do fenômeno da alternância modal, em dados do Cariri, em função das variáveis linguísticas *padrão morfofonológico, tempo verbal, verbo da oração, modalidade*, bem como em função das variáveis sociais *sexo/gênero, escolaridade e faixa etária*.

Após os capítulos supracitados, tecemos algumas conclusões a respeito das principais questões apontadas ao longo de nosso trabalho.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, apresentaremos as bases teóricas que fundamentam nossa pesquisa. Abordaremos, a seguir, a Teoria da Variação e da Mudança Linguística e a contribuição dos estudos labovianos acerca dos fenômenos de variação e mudança linguística.

2.1 Teoria da Variação e da Mudança Linguística

Nosso trabalho tem como orientação teórica de base a Sociolinguística Variacionista, sustentada nas discussões feitas por Labov (1968; 1972; 1994; 2001; 2008). Para o autor e conforme os pressupostos dessa abordagem, a língua se constitui através de dados reais que também são responsáveis por mostrar os caminhos que a orientam para a mudança.

Na década de 1960, a Teoria da Variação e Mudança (ou Sociolinguística Quantitativa) é proposta por Weinreich, Labov e Herzog (1968) com o intuito de desenvolver uma teoria que desse conta de descrever a língua e seus determinantes sociais e linguísticos, além de oferecer uma teoria da mudança com propriedade para estudar o uso variável da língua.

O modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação concebe a língua como um sistema heterogêneo, portanto, dinâmico, que deve ser estudado a partir de dados reais de uma comunidade de fala. Para os variacionistas, as modificações linguísticas de uma dada língua são motivadas por grupos de fatores linguísticos e sociais.

Em linhas gerais, conforme a sociolinguística laboviana, as produções e as interpretações de um falante não são o foco da investigação linguística nem as unidades finais da análise, mas os componentes usados para constituir modelos do objeto de maior interesse - a *comunidade de fala*.

O foco dos estudos sociolinguísticos de orientação laboviana está centrado na heterogeneidade/diversidade do uso da língua, além de ressaltar sua natureza social. Para Labov (1972), essa variabilidade captada no vernáculo revela a variação do sistema linguístico abstrato, uma vez que propõe a relação sistemática entre a *parole* (fenômeno observável) e a *langue* (estrutura linguística abstrata). A introdução do estudo da heterogeneidade no sistema revela a *parole* como alvo dos trabalhos sociolinguísticos de linha laboviana.

Para Saussure (2006), a *langue* é um sistema social abstrato que independe da atuação do indivíduo. Ainda nos moldes saussureanos, a sistemacidade está na *parole*, vista como caótica, agramatical e imotivada. A proposta laboviana centra-se na ruptura dessa dicotomia mediante a inclusão da realidade lingüística da *parole* no sistema abstrato da *langue*. Conforme Labov (1972), a variação, a estrutura heterogênea da língua em uso, faz parte da competência sociolingüística (e do sistema abstrato) do falante.

A proposta laboviana mostra-se eficaz ao sistematizar a heterogeneidade lingüística observada no contexto social de uma comunidade de fala em regras variáveis da gramática. Desse modo, a Teoria da Variação vem com a proposta de desenvolver uma teoria que desse conta da descrição da língua e de seus condicionadores sociais e lingüísticos.

A Sociolingüística Variacionista desmistifica a ideia de que os fenômenos de variação são caóticos e, conseqüentemente, difíceis ou impossíveis de serem analisados. A abordagem teórico-metodológica de Labov assume que a heterogeneidade lingüística constitui um sistema e não um contínuo de aleatoriedades, logo, a variação é um fenômeno lingüístico e social que pode ser regulado conforme determinados padrões sociais e lingüísticos.

Quando Labov ([1972] 2008, p. 78) trata da heterogeneidade, refere-se à variação, mas detém o interesse na variação que pode ser sistematicamente explicada. Para ele, a variação sistemática é um caso de modos alternativos de dizer a mesma coisa, sendo esses modos portadores do mesmo significado referencial. Segundo Labov (1978), dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas, com o mesmo valor de verdade, constituem-se como variantes de uma mesma variável (*regra variável*).

Para o autor, em vez de estender o significado, deve-se limitá-lo, a fim de aumentar a precisão da análise no âmbito da variação. Além disso, conforme Labov (1978), é natural que duas formas lingüísticas não tenham, necessariamente, o mesmo significado referencial em todos os contextos de uso. Com isso, faz-se necessária a definição, de maneira criteriosa, da *regra variável*.

Com essa linha de pensamento, a lingüística laboviana tornou-se sinônimo do estudo de variação e mudança lingüísticas.

Para Labov (1972; 1994; 2001), a língua não pode ser estudada fora de um contexto social, tendo em vista que as variações lingüísticas são motivadas por pressões sociais que operam continuamente sobre a linguagem. Segundo o autor, mais do que

enumerar e classificar estruturas, o interesse da Sociolinguística é tentar entender quais foram os grupos de fatores que condicionaram e atuaram na escolha do falante para que ele optasse por uma forma (estrutura) e não por outra.

Assumindo essa perspectiva, Labov se propôs, em seus primeiros trabalhos, correlacionar os padrões linguísticos variáveis com as diferenças paralelas na estrutura social em que os falantes estão inseridos. De fato, ao investigar variáveis fonológicas, o autor constatou uma forte correlação entre a estratificação social dos falantes e seus usos linguísticos diferenciados.

Depois de decidirem ampliar o escopo da regra variável para além dos limites da fonologia, Weiner e Labov (1977) estudaram construções ativas e passivas do inglês, testando grupos de fatores extralinguísticos (sexo, classe, idade e estilo) e linguísticos (status informacional, paralelismo estrutural). Nesse estudo, concluíram que os dois tipos de condicionadores podem atuar independentemente, uma vez que todos os grupos sociais trataram a alternância entre ativa/passiva da mesma maneira.

Os autores ainda defendem que, muitas vezes, o estudo de um fenômeno variável é apenas parte do entendimento de uma estrutura linguística mais complexa na qual esse fenômeno está inserido.

Desse modo, Weiner e Labov (1977) acreditam que os elementos variáveis da língua estão em todos os níveis da estrutura linguística, não havendo, portanto, motivos para restringir os estudos variacionistas a fenômenos de natureza fonológica.

Segundo Paredes (1993:885), essa extensão do modelo variacionista para o tratamento de fenômenos sintático-discursivos incorporou um viés de hipóteses funcionalistas, ao atribuir a motivações fora da estrutura da língua, decorrentes de necessidades comunicativo-funcionais, um eixo de ligação entre o funcionalismo e a Teoria da Variação.

Com isso, a Sociolinguística tem como proposta teórico-metodológica ir além do estudo formal de estruturas e busca explicar o funcionamento da língua numa determinada comunidade de fala, no seu respectivo contexto social. Daí a importância e a valorização da análise, por parte do pesquisador, dos dados reais da língua em uso.

Para Labov (1972), se um estudo da língua quer contribuir para a compreensão de seu funcionamento nos mais diversos contextos sociais, precisa ir além dos limites da Fonologia: mudanças fonológicas alteram a morfologia de uma língua, mudanças morfológicas podem alterar a sintaxe e, conseqüentemente, mudanças sintáticas podem reconfigurar o plano discursivo.

No entanto, algumas críticas são feitas à Teoria da Variação quanto à limitação da análise da variabilidade a dados fonológicos. Para Lavandera (1978), seria inapropriado estender a análise da variação a outros níveis, devido à falta de formalização de uma teoria do significado que desse conta de embasar análises quantitativas da variação morfológica, sintática e léxica.

A autora ainda assinala que os diferentes níveis possuem diferentes concepções e atribuem diferentes valores à noção de significado referencial e isso acarretaria equívocos no âmbito das análises e, conseqüentemente, na obtenção dos resultados.

Para o autor, há duas maneiras de evitar a incursão num equívoco teórico-metodológico acerca da questão do significado referencial: entender que é tarefa do pesquisador estabelecer o contexto de variação em que as variantes compartilhem uma equivalência de significado referencial; e complementar esse entendimento reconhecendo os contextos de não-variação, para que o fenômeno seja compreensível de forma global.

Outra questão criticada por Lavandera (1978) é o abandono do componente social/estilístico pelos estudos sociolinguísticos. A autora detém sua crítica ao estudo realizado por Weiner e Labov (1977) que trata da alternância entre voz ativa com pronome generalizado e voz passiva sem agente no inglês. Para Lavandera, o estudo desconsidera grupos de fatores externos e dedica a relevância do estudo à análise de grupos de fatores linguísticos (internos). Segundo a autora, ao não delimitar uma clara estratificação social, o estudo priorizou o linguístico em detrimento do sociolinguístico.

Labov (1978) se defende argumentando que mais do que medir o peso e a importância dos grupos de fatores sociais, é também tarefa da Sociolinguística investigar as restrições de caráter gramatical da língua. Para ele, o interesse da análise sociolinguística reside nas formas variantes – permitidas pela estrutura da língua e motivadas por condicionamentos externos - não nas formas categóricas da língua. O interesse do autor não é apenas mostrar que a variação existe, que é real, mas captar o funcionamento de suas regularidades, a fim de demonstrar sua sistematicidade.

A Teoria da Variação e Mudança Linguística está preocupada com o estudo da linguagem relacionado à sociedade, tendo como principal objeto de estudo a variação linguística, que deve ser descrita e analisada cientificamente a partir do pressuposto de que as diferentes maneiras de usar a língua são resultado de influências de grupos de fatores estruturais e sociais.

Conforme Weinreich; Labov; Herzog ([1968] 2006, p. 99), para conduzir descrições de competência linguística mais adequadas, é preciso um modelo de língua que acomode não apenas os fatos de língua, mas também seus determinantes sociais e estilísticos. Uma teoria de mudança deve, portanto, conceber a língua como um objeto constituído de heterogeneidade sistemática: fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade.

O domínio de estruturas heterogêneas é parte da competência linguística dos indivíduos. Segundo Weinreich; Labov; Herzog ([1968] 2006, p.101), a ausência de heterogeneidade estruturada na língua seria tida como disfuncional.

Assim, os autores supracitados propõem dois princípios básicos para o estudo da língua, levando em consideração a sua heterogeneidade sistemática:

- (i) deixar de identificar estrutura linguística com homogeneidade e conceber como opção racional a possibilidade de descrever ordenadamente a diferenciação numa língua que serve à comunidade;
- (ii) entender que as gramáticas nas quais uma mudança linguística ocorre representam gramáticas de comunidade de fala.

Nessa perspectiva, é na heterogeneidade refletida através do desempenho que se deve buscar a estrutura, o sistema e o funcionamento da língua, bem como tentar explicar o efetivo funcionamento dos sistemas em momentos de mudança. Daí a importância de estudar a língua do indivíduo na comunidade em situação real de fala.

Conforme Labov (1972, p. 223-226), o modelo teórico-metodológico variacionista busca a ordenação da heterogeneidade e considera a variação inerente ao sistema linguístico, além de sistemática, ordenada e regular. Propõe-se explicá-la e descrevê-la, relacionando-a aos modelos social e linguístico.

O modelo de abordagem defendido por Labov (1994) enfatiza a variabilidade e concebe a língua como instrumento de comunicação usado por falantes da comunidade, num sistema de associações comumente aceito entre formas arbitrárias e seus significados. Além disso, tenta explicar o processo de mudança linguística em função dos mais variados grupos de fatores, os quais se subdividem em *linguísticos*, referentes às variáveis internas da língua; e *sociais*, referentes às variáveis relacionadas ao falante como sexo, faixa etária, grau de escolaridade, classe social, dentre outras.

Com o intuito de defender a variação inerente das línguas, Labov (1969) ampliou o conceito de *regra de gramática* para desenvolver o conceito de *regra variável*. Para ele, a *regra variável* deve ter frequência de uso e estar sujeita à atuação tanto de grupos de fatores linguísticos (fonéticos, fonológicos, sintáticos, semânticos, morfológicos) quanto de grupos de fatores extralinguísticos (classe social, faixa etária, escolaridade, sexo, etnia, etc.). Para o autor, isso leva a três implicações:

- (i) que a análise da regra variável seja necessariamente quantitativa, uma vez que envolve o tratamento de um grande número de dados para dar conta do efeito de diferentes grupos de fatores;
- (ii) que o pesquisador variacionista tenha como seu principal objeto de descrição a fala de indivíduos inseridos numa comunidade, ou seja, que faça uso de dados de fala empíricos e não de dados ‘fabricados’;
- (iii) que a análise seja multivariada, uma vez que a alternância entre duas ou mais formas pode ocorrer por influência de vários grupos de fatores independentes.

De acordo com a abordagem laboviana, para analisar os fenômenos de variação da língua, é preciso manipular essas variáveis de maneira probabilística, a fim de que revelem não só quais ambientes linguísticos influenciam regularmente a frequência de uma ou outra variante, mas também os contextos linguísticos e sociais mais relevantes para a ocorrência do fenômeno observado.

Conforme Pimpão (2009), independentemente da extensão do domínio dos estudos sociolinguísticos, “a principal contribuição de Labov consiste na elaboração de um método probabilístico de investigação sociolinguística a fim de testar a correlação entre variantes linguísticas sistemáticas e parâmetros linguísticos e sociais.” Para a autora, a importância desse método reside no fato de que os procedimentos de análise quantitativa dos dados são mantidos em qualquer escala dos fenômenos estudados: desde o âmbito fonológico, mais sensível às dimensões sociais, até o âmbito discursivo-pragmático, condicionado fortemente por motivações internas (sintáticas, semânticas, discursivas) e por motivações externas de natureza pragmática (atitude do falante, conhecimento compartilhado, etc.).

Segundo Tarallo (2001), a abordagem variacionista se vale, para qualquer estudo sociolinguístico, do envelope de variação, do controle de variáveis independentes (lingüísticas e sociais), da coleta e codificação dos dados e da interpretação dos resultados dentro de uma perspectiva teórica.

Para definir uma variável linguística, que são duas ou mais formas capazes de transmitir o mesmo conteúdo referencial, Labov (1972) afirma ser necessário:

- a) definir o número exato de variantes;
- b) estabelecer toda a multiplicidade de contextos em que ela aparece;
- c) elaborar um índice quantitativo que permita medir os valores das variáveis.

Para a Teoria da Variação, os fatos linguísticos são instâncias teóricas, de modo que a realização de uma ou outra variante das formas em competição constitui o objeto de análise. De acordo com Cedergren e Sankoff (1974), a noção de opcionalidade (entre formas variantes) deixa de captar a natureza de variação sistemática que existe na língua e até mesmo na gramática de um único indivíduo.

Os exemplos (01) e (02) ilustram o contexto de alternância considerado como recorte de nosso trabalho. A primeira condição será a substituição para verificar se as duas formas em questão encontradas no *corpus* são realmente intercambiáveis no mesmo contexto, sem alteração do significado referencial na oração, a fim de podermos considerá-las formas variantes de uma mesma variável.

(01) **Talvez** *ele não ESTEJA*[está] *mandando verbas ou dando assistência total.* (Inq 81: 9-11 – f – 27-49)¹

(02) **Quem sabe** *um dia você VAI* [vá] *lá me vê na faculdade.* (Inq 81: 9-11 – f – 27-49)

Podemos perceber, tanto em (01) quanto em (02), que, mesmo alternando o modo verbal do verbo em destaque, não houve alteração no significado referencial das sentenças. Independentemente da forma verbal usada na oração, em (01), a suposição de que está havendo negligência com o repasse de verbas e com a assistência à comunidade foi mantida. O mesmo ocorreu em (02) com a sugestão de uma possível ida à faculdade.

¹ A codificação dos inquéritos é feita, respectivamente, com base na escolaridade (1-8 ou 9-11), no sexo (m/f) e na faixa etária (15-26, 27-49 e 50- em diante) dos informantes.

Desse modo, a variável dependente é constituída por duas formas modais: a forma subjuntiva em variação com a forma indicativa, considerando-se a primeira como a aplicação da regra.

Com base em Poplack (1992), optamos por incluir, em nossa análise, casos em que o subjuntivo é categórico², conforme o exemplo a seguir:

(03) *A gente nunca sabe né, quem sabe um dia eu SEJA feliz na minha vida.*
(Inq 47: 1-8 – f – 15-26)

Segundo Tarallo (2001), esse fenômeno variacionista, assim como outros fenômenos linguísticos, pode ser sistematizado. Tal sistematização consiste primordialmente em:

- a) um levantamento exaustivo dos dados de fala, para fins de análise, pois refletem mais fielmente o vernáculo da comunidade;
- b) descrição detalhada da variável, acompanhada de um perfil completo das variantes que a acompanham;
- c) análise dos possíveis grupos de fatores condicionadores (linguísticos ou extralinguísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre a(s) outra(s);
- d) encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade;
- e) projeção histórica da variável no sistema sociolinguístico da comunidade.

Por meio desse modelo, o autor afirma que regras poderão ser formuladas com base nos resultados obtidos. No entanto, serão, conseqüentemente, regras variáveis, pois o favorecimento de uma variante e não de outra decorre de circunstâncias linguísticas (fatores internos) e não-linguísticas (fatores externos), apropriadas à aplicação de uma regra específica.

Tomando como suporte o princípio da sistematicidade dos processos de variação e mudança, é importante salientar ainda quais princípios nos auxiliarão na investigação que nosso trabalho se propõe. Portanto, elencamos abaixo os princípios criados por Weinreich, Labov e Herzog ([1968], 2006) que, com vistas a compreender o processo de variação e mudança, propuseram uma fundamentação empírica para a teoria da mudança:

² Ambientes linguísticos em que não há expectativa de uso da alternância de modo, ou seja, os usos só ocorrem com um único modo.

- a) **problema dos fatores condicionadores:** determinam os possíveis condicionadores para uma possível mudança de uma determinada estrutura. Ao longo do processo de variação e mudança, diversos grupos de fatores influenciam no direcionamento que o fenômeno linguístico seguirá.
- b) **o problema da transição:** mostrar como e por quais caminhos a língua muda.
- c) **o problema do encaixamento:** as mudanças linguísticas sob investigação devem ser vistas como encaixadas tanto no sistema linguístico como na comunidade de fala. É preciso delimitar como essas mudanças se encaixam nesses dois sistemas.
- d) **o problema da avaliação:** investigar como os membros de uma dada comunidade avaliam o uso de determinada variante e o processo de mudança em si.
- e) **o problema da implementação:** elucidar por que, quando e onde determinada mudança ocorreu.

Com base nos preceitos supracitados, é importante salientar que, para compreender como determinados processos de mudança ocorrem, de que modo se difundem através do tempo e que mecanismos linguísticos e sociais os favorecem, é imprescindível que sejam realizadas a observação e a análise de outros fenômenos variáveis, o que, de certa forma, favorece o levantamento de hipóteses sobre o fenômeno que cada pesquisador se propõe investigar.

No entanto, observar e analisar esse processo de variação/mudança implica numa maior atenção do pesquisador para que consiga identificar as formas em análise, os contextos em que o processo ocorre e o significado de cada uso para que, finalmente, consiga interpretar, compreender e descrever o processo de variação na comunidade de fala investigada.

Assim, assumimos, segundo os preceitos de Labov (1968; 1972, 1978; 1994; 2001) que a estrutura linguística é moldada por forças internas e externas, o que confere à variação o status de parte constitutiva do sistema linguístico. Os elementos variáveis existem em todos os níveis da estrutura linguística. Nosso trabalho se valerá, portanto, da correlação entre grupos de fatores de natureza linguística e extralinguística, a fim de investigar a alternância entre os modos subjuntivo/indicativo em orações independentes, com foco no aspecto morfossintático desse fenômeno.

3 MODO SUBJUNTIVO

3.1 O uso do subjuntivo na visão da Gramática Tradicional

A fim de aprofundarmos o estudo do fenômeno da alternância no modo subjuntivo, primeiramente apresentaremos a visão da Gramática Tradicional acerca do uso do subjuntivo no português do Brasil.

Em geral, a tradição gramatical atribui à categoria de modo às diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude de certeza, de dúvida, de suposição, de ordem, da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia (Cunha & Cintra, 1985). Atribui ao modo indicativo a atitude de certeza do falante quanto ao que declara, e ao subjuntivo, atitude de incerteza, dúvida ou desejo quanto ao que se enuncia.

Para Said Ali (1966), o processo de alternância entre os modos subjuntivo/indicativo é comum às orações subordinadas. Para o gramático, a escolha entre um ou outro modo varia de acordo com o contexto comunicativo. Mesmo de um modo mais amplo e, conseqüentemente, menos sistematizado, é a tradição gramatical ratificando a existência da variação.

Dias (1970, p. 183-201) afirma que o modo indicativo é o modo verbal mais geral, que exige contextos específicos de uso. Para ele, o indicativo “é o modo empregado em todas as orações para as quais não há regra que exija outro modo”. Assim, conforme o autor, isso é o que diferencia o indicativo do *conjuntivo*³: este é empregado em função de determinados tipos de verbo e requer contextos sintáticos específicos.

Esse gramático traz uma importante contribuição linguística para nosso trabalho: mais do que afirmar que o *conjuntivo* pode ser empregado em situações de alternância com o indicativo, o autor nos oferece exemplos, na língua escrita, que ilustram o uso do *talvez* em casos de alternância modal:

*No mundo todo talvez não se **ache** um paiz onde se encontrem tam villans, tam ridículas, e absurdas construções públicas como essas todas que há um século se*

³ nomenclatura da gramática portuguesa (Portugal) correspondente a subjuntivo, nomenclatura utilizada pelas gramáticas do português brasileiro.

fazem em Portugal(Garret, *Viag.*,180).
(grifo nosso)

Talvez foi ele _ o primeiro cantor que..._
soube entoar melodioso um hymno. (Herc.
Pões. Pag. 23.) (grifo nosso)

Essas citações merecem destaque porque atestam, de certa forma, a variação dos modos em português, tendo em vista que o exemplo utilizado pelo autor é retirado da língua escrita, a modalidade mais resistente a inovações linguísticas.

Melo (1978) defende que o modo está diretamente relacionado à forma como o falante atua em relação à ação, ao movimento e ao processo que o verbo traduz. Para o autor, o modo traduz como o falante vê a ação, o processo. Para ele, as considerações acerca do que cada modo representa linguisticamente (constatação, no caso do indicativo; ordem, no caso do imperativo; e, desejo, hipótese, dúvida, no caso do subjuntivo) são úteis do ponto de vista teórico, mas não são estanques.

Segundo o gramático, o valor atribuído a cada modo pode sofrer alterações de acordo com as adequações exigidas pelo jogo sintático: cada mecanismo linguístico veste o sentido que determinadas estruturas da língua impõe, o que permite a flutuação entre usos de um mesmo modo verbal.

Já Cunha & Cintra (1985), a exemplo de Said Ali (1966), listam alguns verbos que favorecem o emprego do indicativo, como *compreender, afirmar, crer e comprovar*, todos verbos que exprimem o fato como algo certo. Para os autores, o subjuntivo é o modo que está ligado às noções de desejo, vontade e dúvida e contempla as ações ainda não realizadas e dependentes de outras, expressas ou subentendidas. Daí o fato de ocorrer, preferencialmente, em orações subordinadas. Esses autores não fazem menção à possibilidade de alternância entre os modos subjuntivo/indicativo.

Para Bechara (1999), o modo é o posicionamento do falante em relação a) à ação verbal; b) ao seu agente ou fim; é o que o falante pensa dessa relação. Para o falante, conforme elucida Bechara, a ação pode carregar traços de verossimilhança (indicativo), incerteza (subjuntivo) e exigência (imperativo).

Além de listar os possíveis contextos semânticos em que o subjuntivo pode ocorrer, o autor também assinala a possibilidade de ocorrer, em determinados contextos sintático-semânticos, a alternância entre os modos subjuntivo/indicativo.

Segundo Bechara, a explicação para essa possibilidade de alternância reside justamente na questão da modalidade verbal: isto é, o grau de certeza/incerteza do falante em relação ao que enuncia.

A tradição normativa, em geral, apresenta o modo em português, em função do critério semântico, numa linha dicotômica: o indicativo é o modo da certeza e o subjuntivo é o modo da dúvida. Em relação ao critério sintático, não é diferente: o subjuntivo é o modo mais específico, diretamente associado à subordinação, enquanto o indicativo é o modo mais geral.

Tal dicotomização é, de fato, simplista e reduz os modos subjuntivo/indicativo às noções de certeza e incerteza. Sabemos que determinadas orações apresentam verbos no indicativo que transmitem ideia de incerteza, assim como alguns verbos no subjuntivo podem apresentar ideia de certeza. No entanto, em orações⁴ como

- 1) *Parece que João **está** feliz.*
- 2) *Suponho que João **esteja** feliz.*
- 3) *Suponho que João **está** feliz.*

podemos notar que a oposição semântica certeza (indicativo) e incerteza (subjuntivo) não se concretiza: mais do que em função da seleção de um ou outro modo, a atitude de certeza ou incerteza reside na escolha do verbo da oração principal – em (1), o verbo (*estar*) está no indicativo, e não exprime ideia de certeza; em (2), o mesmo verbo está no subjuntivo e expressa o mesmo grau de incerteza de (1); e, finalmente, em (3), tem-se o mesmo grau de incerteza do que nos outros dois enunciados, mesmo o verbo (*estar*) estando no modo indicativo.

Além disso, mais do que a carga semântica do verbo da oração principal, do que tipo de verbo e as noções de certeza e incerteza, outros grupos de fatores sintático-semânticos condicionam esse processo de alternância modal.

E isso, certamente, não se restringe a orações subordinadas. Orações independentes também sofrem influência de grupos de fatores linguísticos e sociais que propulsionam a ocorrência desse fenômeno.

Para Oliveira (2003), a relação entre os modos subjuntivo e indicativo e suas respectivas distinções modais não é estanque. Pelo contrário, cada modo pode associar-

⁴ os exemplos das orações foram criados pelo autor da pesquisa.

se a mais de uma modalidade de acordo com o contexto discursivo em que está inserido. Segundo a autora, esse intercâmbio modal entre os domínios da certeza/incerteza ou da eventualidade/dúvida é um fenômeno recorrente em diversas construções discursivas.

Conforme Oliveira (2003), o estudo do subjuntivo é controverso porque ainda não deu conta de explicar se, de fato, as formas são estruturas portadoras de significados ou se são vazias semanticamente e apenas materializam as exigências de construções sintáticas. A autora ainda acrescenta que o uso do subjuntivo depende, tanto lexical quanto semanticamente, do contexto linguístico e que, em contextos de alternância, as distinções semânticas determinadas por cada modo apenas atestam que há, de fato, um conteúdo semântico que os diferencia.

Dessa forma, a respeito dos estudos sobre o modo subjuntivo, nosso trabalho busca aprofundar a discussão teórica acerca do fenômeno da alternância modal, analisar e investigar a natureza e a influência dos grupos de fatores que o favorecem/restringem e apresentar possíveis lacunas teórico-metodológicas presentes nos trabalhos realizados até o momento.

Na próxima seção, apresentaremos alguns estudos no âmbito variacionista acerca do modo subjuntivo.

3.2 Alguns estudos variacionistas sobre o modo subjuntivo

Alguns trabalhos, no âmbito da Sociolinguística Variacionista, já foram realizados acerca da questão da alternância entre os modos verbais subjuntivo/indicativo (ROCHA, 1997; PIMPÃO, 1999; DOMINGOS, 2004; MEIRA, 2006; FAGUNDES, 2007; CARVALHO, 2007; BARBOSA, 2013).

A fim de situar nosso estudo em relação aos trabalhos que já trataram do modo subjuntivo sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, mais especificamente sobre o fenômeno da alternância modal, optamos por elencar e resenhar essas pesquisas que nos serviram como parâmetro para o estudo do subjuntivo na fala do português do Brasil, bem como para o emprego variável desse modo.

Para isso, além dos pressupostos da Gramática Tradicional, também apresentaremos, de maneira sucinta, mas não menos significativa, os trabalhos realizados, no âmbito da Linguística e da Sociolinguística Variacionista, que têm contribuído para o aprofundamento dos estudos relacionados ao subjuntivo e à alternância modal.

Rocha (1997) realizou uma pesquisa com dados de fala do *Programa de estudo sobre o uso da língua (PEUL)*⁵, projeto sediado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), além de 21 dados de Brasília e outros 42 coletados em situações conversacionais diversas. A fim de identificar que grupos de fatores condicionavam a intercambialidade entre formas indicativas e subjuntivas, a autora cruzou dados e constatou que há uma estreita ligação entre verbos volitivos, emotivos e de opinião e a factividade do verbo.

A hipótese de Rocha (1997) é que, em contextos de alternância, o modo verbal presente na oração subordinada é um elemento vazio de significado, deixando a critério de outros elementos da oração a expressão da carga modal. Para a autora, o sistema modal em português aponta para uma direção variável, organizada e coerente.

Pimpão (1999) focou em seu trabalho da alternância entre os tempos verbais *presente do indicativo e presente do subjuntivo* em contextos nos quais as gramáticas normativas prescrevem o uso deste último modo para expressar desejo, dúvida, incerteza. Para estudar a variação do presente do subjuntivo sob uma perspectiva discursivo-pragmática, a autora analisou dados do Banco de Dados do projeto VARSUL⁶, de falantes de Florianópolis. No total, foram analisados 319 dados, o que evidencia a pouca produtividade desse fenômeno na língua falada.

Ao longo do trabalho, Pimpão demonstra que há uma forte relação entre tempo e modalidade: o subjuntivo está muito ligado ao tempo futuro e à ideia de futuridade, o que nos direciona, portanto, para um deslocamento da modalidade para o tempo. Ainda segundo a autora, o próprio modo subjuntivo passa por um momento de transição: o modo subjuntivo está perdendo o vínculo direto com valores e atitudes relativos à ideia de incerteza e de hipótese, como prevê a tradição gramatical, para vincular-se às noções de tempo e temporalidade.

Outras duas importantes contribuições dessa autora são:

- a) Em seu trabalho, Pimpão sugere que o uso do advérbio de dúvida *talvez*, recurso linguístico de análise central em nossa pesquisa, favorece o uso do presente do indicativo na oração, na fala de Florianópolis. Isso nos motiva a ter em seu trabalho uma importante base teórica e metodológica para fins de análise do fenômeno que nos propusemos investigar no Cariri;

⁵ Cf. <<http://www.letras.ufrj.br/peul/>>. Acesso em 25/06/2013

⁶ Cf. <<http://www.varsul.org.br/>>. Acesso em 25/06/2013

- b) Ao longo de sua pesquisa, a autora traz resultados significativos acerca da relação entre as dimensões sintático-semânticas de tempo e modalidade, as quais também nos servem de referência para investigar a ocorrência do fenômeno de alternância em nosso trabalho. Pimpão dedica aproximadamente oito páginas de sua pesquisa para a questão do subjuntivo em orações independentes, o que não permite uma maior sistematização do fenômeno, mas certamente colabora para futuras investigações.

Domingos (2004) utilizou os dados do Projeto VARSUL, sediado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com dados de informantes de Florianópolis, e Entrevistas Sociolinguísticas, sediado na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), composto por informantes de Criciúma. O estudo descreve a variação na codificação dos tempos/modos verbais: pretérito imperfeito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo, tratando da questão da cotemporalidade em orações subordinadas na língua falada de Criciúma e Florianópolis. A autora avalia quais são os condicionadores desse fenômeno e demonstra que o tipo de verbo da oração principal exerce, de fato, uma força condicionadora no processo de variação das formas.

Além do comportamento das variantes, em contexto de cotemporalidade, a autora ainda constatou que a noção de modalidade correspondente à incerteza, dúvida, hipótese e possibilidade é originada pelo contexto e não pela flexão verbal, o que lhe confere, portanto, uma natureza discursiva em vez de morfológica.

Meira (2006) estudou a variação no uso do subjuntivo em português em quatro comunidades rurais afro-brasileiras (Cinzento, Helvécia, Rio de Contas e Sapé) na Bahia. Foram analisadas 28 entrevistas do *Projeto Vertentes⁷ do Português Rural do Estado da Bahia*, com base no modelo teórico da Sociolinguística variacionista, cada uma com aproximadamente uma hora de duração. O estudo foca a alternância entre os modos indicativo e subjuntivo em orações relativas e completivas.

A investigação da autora aponta para um reduzido uso do subjuntivo na gramática das comunidades rurais afro-brasileiras, quando comparado com o que se observa na norma culta, o que confirma a ideia de uma redução na morfologia flexional dessa variedade afro-brasileira do português brasileiro em função do contato entre línguas.

⁷ Cf. <<http://www.vertentes.ufba.br>>. Acesso em 25/06/2013

Além disso, diferentemente do que se registra em pesquisas no português urbano, tendo como base os resultados obtidos nessas comunidades, pode-se constatar que o subjuntivo vem ganhando ambiente antes ocupado pelas formas do indicativo, o que demonstra aquisição das formas do subjuntivo por falantes dessas comunidades.

Fagundes (2007) fez um estudo sobre a variação entre o indicativo e o subjuntivo em orações subordinadas, utilizando o banco de dados do projeto VARSUL para compor sua amostra que cobre as cidades de Curitiba, Londrina, Irati e Pato Branco, todas do estado do Paraná, na região Sul do país.

As variáveis linguísticas controladas pelo autor foram: tipo verbal da oração principal, tempo verbal, modalidade. Averiguou também variáveis sociais como: localidade, grau de escolaridade, faixa etária e sexo.

Os resultados demonstraram que cada cidade do *corpus* em estudo apresenta características próprias no que tange à alternância entre indicativo e subjuntivo. Enquanto em Curitiba e Pato Branco a alternância no uso dos modos verbais encontra-se em estágio avançado, em Londrina há indefinição no uso e, em Irati, existe uma preferência pelo modo subjuntivo.

Como apresenta resultados com base em variáveis semelhantes a que nos propomos analisar, o trabalho de Fagundes também é significativo para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Carvalho (2007) investigou, à luz da Teoria da Variação e dos pressupostos funcionalistas (GIVÓN, 1984; 1995; 2001), a alternância dos modos subjuntivo/indicativo em orações subordinadas substantivas na fala do Cariri, região ao sul do estado do Ceará. Utilizou-se do *corpus* do Projeto Português não-padrão do Ceará, sediado na Universidade Federal do Ceará (UFC). O trabalho descreve e analisa os ambientes favoráveis e de restrição ao uso do subjuntivo. Os resultados constataram a interferência de condicionadores linguísticos e sociais no processo de alternância dos modos subjuntivo/indicativo.

Em linhas gerais, segundo Carvalho, a força modal da sentença se concentra na carga semântica do verbo principal, sendo a alternância das formas indicativa/subjuntiva, na comunidade de fala estudada, produto de complexas interações de grupos de fatores linguísticos de natureza sintático-semântica e discursiva, especificamente, tipo de verbo da oração, estrutura da assertiva e modalidade.

Barbosa (2013) investigou três tipos de alternância na fala de moradores de Vitória/ES: a) alternância de modo b) alternância de tempo e modo c) alternância de

tempo. A autora focou a análise no primeiro tipo de alternância, a fim de entender quais grupos de fatores motivam a flutuação entre formas indicativas e subjuntivas, bem como verificar em quais contextos essa variação é mais recorrente.

O estudo de Barbosa (2013) controlou três variáveis linguísticas e uma social: verbo da matriz, assertividade, tempo verbal da oração matriz e escolaridade. Com o intuito de verificar o alinhamento da cidade de Vitória no que tange à alternância modal com outras regiões, a autora comparou seus resultados com os de Rocha (1997), referentes aos estados do RJ/DF, Carvalho (2007), referente ao Cariri cearense, e Oliveira (2007), com dados de João Pessoa.

A autora concluiu que, na comunidade de fala de Vitória/ES, os falantes fazem uso de formas indicativas e subjuntivas, mesmo quando o contexto de ocorrência, segundo a gramática normativa, determina o uso de apenas uma das formas como prototípica.

Como vimos, dos trabalhos resenhados acima, apenas o de Carvalho (2007) contempla uma localidade da região Nordeste do país. A concentração dos estudos sobre alternância modal está nas regiões Sul e Sudeste. Além disso, nenhum dos estudos listados aprofunda a análise do fenômeno especificamente em orações independentes. Os trabalhos sobre o fenômeno de alternância modal direcionam suas investigações para as orações subordinadas (sejam elas adverbiais, adjetivas, substantivas, etc.)

O trabalho de Carvalho é, de fato, relevante por ser o primeiro a explorar o fenômeno no Nordeste.

Pimpão (1999) e Fagundes (2007) trabalharam com orações subordinadas, mas oferecem, ao longo de seus respectivos trabalhos, breves análises, em poucas páginas, sobre a ocorrência de flutuação modal em orações independentes, bem como em orações introduzidas pelo modalizador *talvez*. Ambos os estudos apresentaram o modalizador *talvez* como favorecedor do modo subjuntivo em orações absolutas.

Barbosa (2013) também verificou que, tanto em orações absolutas como em orações subordinadas, independente do tempo verbal da oração, o *talvez* é favorecedor do modo subjuntivo.

Em Fortaleza, Lucena e Silva (2010) analisaram os usos de *talvez* e *quem sabe* no português oral culto da capital cearense, associando Teoria da Variação aos pressupostos funcionalistas de Givón (1995, 2001). As autoras usaram o *princípio da marcação* como conceito de análise e concluíram que, dentre os marcadores dubitativos,

o *talvez* atua como forma não-marcada (item conservador), enquanto o *quem sabe é*, na fala culta fortalezense, a forma marcada (item inovador).

Esses trabalhos são de grande valia para o desenvolvimento de nossa pesquisa pela competência no que diz respeito ao tratamento científico dos fenômenos da linguagem, pelo tratamento e controle rigoroso de grupos de fatores linguísticos e sociais, dos quais também nos valem para analisar e investigar o objeto de estudo de nosso trabalho, pelo compromisso, por meio da descrição e da investigação dos mais variados fenômenos, com a ciência da língua, bem como por oferecerem resultados acerca da descrição do uso do subjuntivo em diversas comunidades de fala, contribuindo para o mapeamento do fenômeno na língua falada do Português do Brasil.

Na próxima seção, abordaremos o objeto de nossa pesquisa e as questões que o norteiam, bem como as hipóteses correspondentes a cada questão.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentaremos os procedimentos metodológicos que foram adotados para a seleção e composição do *corpus*, além dos objetivos, das questões norteadoras e das hipóteses propostas pela pesquisa.

4.1 Objetivos, questões e hipóteses

À luz da Teoria da Variação, objetivamos investigar a alternância entre os modos subjuntivo e indicativo, a fim de descrever e analisar os contextos que favorecem ou restringem o uso do subjuntivo.

Para isso, como já mencionamos, controlamos 3 ambientes - os que favorecem a alternância modal e os que restringem o uso obrigatório tanto do modo subjuntivo como do modo indicativo, não apenas para investigar o fenômeno da alternância, mas também para descrever os processos de atuação e distribuição do subjuntivo em orações independentes na fala do Cariri.

Objetivos:

- 1) Investigar se o grupo de fatores sexo/gênero favorece ou restringe a alternância entre subjuntivo e indicativo em orações independentes na fala do Cariri.
- 2) Investigar se o grupo de fatores escolaridade favorece ou restringe a alternância entre subjuntivo e indicativo em orações independentes na fala do Cariri.
- 3) Investigar se o grupo de fatores faixa etária favorece ou restringe a alternância entre subjuntivo e indicativo em orações independentes na fala do Cariri.
- 4) Verificar se os marcadores dubitativos *talvez* e *quem sabe* favorecem ou restringem a alternância entre subjuntivo e indicativo em orações independentes na fala do Cariri.
- 5) Avaliar em que medida o grupo de fatores tempo verbal influencia a alternância entre subjuntivo e indicativo em orações independentes na fala do Cariri.

- 6) Avaliar em que medida o grupo de fatores verbo da oração influencia a alternância entre subjuntivo e indicativo e o uso desses modos em contexto categórico em orações independentes na fala do Cariri.
- 7) Avaliar em que medida o grupo de fatores padrão morfofonológico influencia a alternância entre subjuntivo e indicativo em orações independentes na fala do Cariri.

Questões:

- 1) É, de fato, o sexo/gênero feminino que tende a usar com mais frequência as formas de prestígio previstas pela tradição normativa, no caso, o subjuntivo?
- 2) Quanto mais escolarizado, maior o emprego do subjuntivo?
- 3) Como a idade do falante interfere na alternância do uso das formas modais?
- 4) Há predominância ou equivalência entre os marcadores dubitativos *talvez* e *quem sabe* em orações independentes na fala do Cariri?
- 5) Como o tempo verbal da oração favorece o uso do subjuntivo?
- 6) Como o verbo da oração constitui um grupo de fatores favorecedor do subjuntivo?
- 7) É verdadeira a suposição de que formas verbais irregulares tendem a privilegiar o uso do subjuntivo em orações independentes?

Hipóteses

- 1) cremos que, na região do Cariri, não há uma diferença significativa entre os gêneros/sexos quanto ao uso do subjuntivo como uso de prestígio pela tradição normativa;
- 2) O subjuntivo é uma forma mais complexa estruturalmente. É empregado com mais frequência por falantes que tiveram acesso à educação formal. Assim, cremos que quanto maior a escolaridade do falante mais favorecido é o uso do subjuntivo;
- 3) Acreditamos que, quanto maior a idade do falante, mais recorrente é o uso de formas subjuntivas;
- 4) Supomos que, na região do Cariri, o uso do marcador dubitativo *quem sabe*, em orações independentes, ainda é muito recente e, por isso, menos frequente que o marcador *talvez* entre os falantes;
- 5) Acreditamos que o pretérito seja o tempo verbal com maior propensão à ocorrência do subjuntivo, tanto em contextos que o mantenham como uso obrigatório como em contextos de alternância;
- 6) cremos que os verbos da oração favorecem tanto o uso do modo subjuntivo em contexto categórico como em alternância com o modo indicativo;
- 7) Supomos que haja, de fato, um favorecimento ao uso do subjuntivo em orações independentes com verbos irregulares e, principalmente, com formas verbais anômalas. Provavelmente, isso se deve ao fato de que tais formas verbais também carregam estruturalmente uma carga de irregularidade;

4.2 Constituição da amostra: Cariri (PROFALA)

Nesta seção, detalharemos os procedimentos metodológicos adotados para o tratamento dos dados do *corpus* analisado em nossa pesquisa – o PROFALA.

O material linguístico analisado foi extraído do Projeto PROFALA que contempla o banco de dados *O português falado no Ceará*, sediado na Universidade Federal do Ceará, no Programa de Pós Graduação em Linguística. Esse *corpus* é constituído de, aproximadamente, 125 horas de gravação correspondentes a 176 entrevistas realizadas com informantes estratificados em faixa etária, sexo masculino e feminino e anos de escolaridade. Nessa pesquisa, foram ouvidas aproximadamente 20 horas de gravação, cada gravação com média de duração de 25 minutos. O *corpus* foi coletado na região do Cariri, que fica ao sul do Ceará, e segue o modelo laboviano de coleta de dados.

Quanto ao perfil sócio-econômico de nossos informantes, há um direcionamento para 3 áreas de atuação mais amplas: a agrária, com trabalhadores rurais envolvidos com agricultura e pecuária, a do comércio, com informantes que atuam como vendedores, frentistas, caixas de supermercado e, finalmente, a do trabalho informal, área que reúne informantes que atuam como manicure, jardineiro, moto-taxista e diarista. Professores e estudantes também compõem o quadro de informantes de nossa amostra.

O Projeto Variação e Processamento da Fala e do Discurso: Análises e Aplicações (PROFALA)⁸ disponibiliza um banco de dados sobre o português falado no Ceará e com isso possibilita a descrição e a análise de aspectos semânticos, fonético-lexicais, morfossintáticos e pragmáticos da fala cearense.

Mais do que pela tradição cultural e por sua importância histórica, optamos pela microrregião⁹ do Cariri não só por ser uma comunidade que mantém traços regionais específicos, inclusive os linguísticos (não-palatalização de /t/ e /d/), conforme aponta Seraine (1972), mas também por preservar sua autonomia em relação à capital do estado.

⁸ Cf. <<http://www.profala.ufc.br>>. Acesso em 28/06/13

⁹ De acordo com a Constituição brasileira de 1988, **microrregião** corresponde a um grupo de municípios limítrofes, com a finalidade de integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum, definidas por lei estadual complementar. (cf. <http://wikipedia.org/wiki/microrregiao>)

O Cariri cearense fica ao sul do estado do Ceará e faz fronteira com outros três estados nordestinos – Pernambuco, Paraíba e Piauí. Cerca de 600km distante da capital cearense, tem como referências - cultural e econômica - as cidades de Juazeiro do Norte e Crato. As cidades, segundo Seraine (1972), se encontram em constante intercâmbio (cultural, histórico, econômico).

Além disso, a região do Cariri cearense também é conhecida, historicamente, como o ‘oásis do sertão’, por ser banhada por correntes perenes dos rios Caldas (em Barbalha), Granjeiro e Batateira (no Crato).

As áreas geográficas que correspondem à zona urbana e à zona rural da região do Cariri compreendem cidades e distritos, dentre eles:

Zona rural: distritos de Crato e Juazeiro (Buritizinho, Dom Quintino, Santa Fé, Sítio Romualdo, São Vicente, São Miguel, Vila Arajara, Vila Três Marias, São Gonçalo e Sítio Cajazeiras).

Zona urbana: Altaneira, Barbalha, Crato (Pimenta, Alto da Penha e Batateira), Juazeiro do Norte, Mauriti, Nova Olinda e Várzea Alegre.

Outra importante característica dessa microrregião é a proximidade entre as cidades: zona rural e zona urbana se interpenetram, formando uma espécie de conurbação¹⁰.

Além dessa proximidade geográfica, temos boas razões para considerar a microrregião do Cariri uma importante comunidade de fala do estado do Ceará: o contínuo intercâmbio sociocultural e econômico, a importância para constituição cultural do estado, a identidade linguística e o reduzido número de estudos sobre a região foram aspectos que consideramos relevantes para investigarmos a distribuição e a variação do subjuntivo nessa comunidade de fala.

O mapa do Anexo A nos mostra a localização da região do Cariri, bem como ilustra a proximidade entre as cidades que compõem essa comunidade de fala.

Essa intercambialidade comprova a riqueza dessa região sob os mais variados aspectos: religioso, cultural, artístico, econômico, conforme ilustra o mapa turístico do Cariri (cf. ANEXO A).

¹⁰ É a unificação da malha urbana de duas ou mais cidades, em consequência de seu crescimento geográfico. O processo de **conurbação** é caracterizado por um crescimento que expande a cidade, prolongando-a para fora de seu perímetro absorvendo aglomerados rurais e outras cidades. (cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Conurba%C3%A7%C3%A3o>)

Nosso trabalho analisará apenas as gravações do tipo Diálogo entre Informante e Documentador (DID), por apresentarem um nível intermediário de formalidade, tendo em vista que as entrevistas do tipo DID foram feitas entre informantes e documentadores sem vínculos de intimidade.

Além disso, nesse tipo de entrevista, o informante ficava à vontade para relatar experiências pessoais, respondendo a perguntas que envolviam assuntos particulares (vida, família, trabalho, estudo), o que facilitava a natural despreocupação com formalidades ao longo de sua fala.

Inicialmente, a amostra foi pensada conforme o princípio laboviano de *ortogonalidade*¹¹ das células: dividimos as células com 5 informantes, totalizando 60 informantes, distribuídos em função da escolaridade, do sexo e da faixa etária.

Conforme o quadro 1, os informantes foram estratificados em função do sexo (30 homens e 30 mulheres), idade (3 faixas etárias) e escolaridade (1-8 anos e 9-11 anos).

Sexo	Masculino		Feminino	
Idade	Escolaridade		Escolaridade	
	1-8 anos de	9-11 anos de	1-8 anos de	9-11 anos de
15 - 26	5	5	5	5
27 - 49	5	5	5	5
50 - em diante	5	5	5	5
Total	30		30	

Quadro 1: Distribuição dos informantes do *corpus* do Cariri (PROFALA)

No entanto, a dificuldade na obtenção de dados com a ocorrência do fenômeno de alternância modal em orações independentes nos orientou para uma redistribuição das células, a fim de tornar viável a análise que nos propomos.

Por ocasião da coleta de dados, observamos que o fenômeno não ocorreu na entrevista de alguns informantes da amostra ilustrada no quadro 1, resolvemos, portanto, considerar apenas aqueles informantes que tivessem usado o fenômeno em tela.

¹¹ Equilíbrio na distribuição dos dados nos diferentes grupos de fatores.

Para isso, foi necessário redimensionar a amostra, diminuindo o número de informantes. Do total de 60 informantes, estipulamos um mínimo de 3 informantes por célula e mantivemos a igualdade numérica (24 informantes) entre os sexos, o que resultou numa amostra com 48 informantes, estratificados em sexo, anos de escolaridade e faixa etária. Essa estratificação pode ser conferida no quadro 2.

Sexo	Masculino		Feminino	
Idade	Escolaridade		Escolaridade	
	1-8 anos de	9-11 anos de	1-8 anos de	9-11 anos de
15 - 26	3	5	3	3
27 - 49	5	5	5	5
50 - em diante	3	3	4	4
Total	24		24	

Quadro 2: Redistribuição dos informantes do *corpus* do Cariri (PROFALA)

Conforme o quadro 2, percebemos que o número de informantes diminuiu de 60 para 48. Assim, serão analisadas as amostras de fala de 48 informantes estratificadas em função do sexo (24 homens e 24 mulheres), idade (3 faixas etárias) e anos de escolaridade (1-8 anos e 9-11 anos). A seguir, apresentaremos o envelope de variação de nossa pesquisa.

4.2.1 Envelope de Variação

Como mencionado anteriormente, nosso objeto de estudo é o uso da forma subjuntiva em alternância com a forma indicativa, em orações independentes, cuja flutuação entre os modos não altere o significado representacional da oração.

A primeira condição será a substituição para verificar se as duas formas em questão encontradas no *corpus* são realmente intercambiáveis no mesmo contexto, sem alteração do significado referencial na oração, a fim de podermos considerá-las formas variantes de uma mesma variável.

Os exemplos abaixo ilustram o contexto de alternância considerado como recorte de nosso trabalho.

(04) **Talvez** *ele não ESTEJA* [está] *mandando verbas ou dando assistência total.* (Inq 81: 9-11 – f – 27-49)¹²

(05) **Quem sabe** *um dia você VAI* [vá] *lá me vê na faculdade.* (Inq 81: 9-11 – f – 27-49)

Podemos perceber, tanto em (01) quanto em (02) que, mesmo alternando o modo verbal do verbo em destaque, não houve alteração no significado referencial das sentenças. Independentemente da forma verbal usada na oração, em (01) a suposição de que está havendo negligência com o repasse de verbas e com a assistência à comunidade foi mantida. O mesmo ocorreu em (02) com a sugestão de uma possível ida à faculdade.

Desse modo, a variável dependente é constituída por duas formas modais: a forma subjuntiva em variação com a forma indicativa, considerando-se a primeira como a aplicação da regra.

Correlacionados à variável dependente, temos os grupos de fatores linguísticos e sociais (variáveis independentes) que serão testados em nossa análise, dentre eles:

i) Padrão morfofonológico do verbo, subdividido em:

a) *Regulares*

(04) **Quem sabe** *muitas coisas MUDEM* *por lá, viu?* (Inq 144: 1-8 – f – 27-49)

b) *Irregulares*

(05) **Talvez** *as pessoas TIVESSEM* *melhores empregos...* (Inq 115: 9-11 – m – 27-49)

c) *Anômalos*

(06) *Rapaz, eu talvez FOSSE* *comerciante, viu?!* (Inq 106: 9-11 – m – 50-em diante)

ii) marcadores dubitativos, subdivididos em:

a) *Talvez*

b) *Quem sabe*

iii) Tempo verbal, subdividido em:

¹² A codificação dos inquéritos é feita, respectivamente, com base na escolaridade (1-8 ou 9-11), no sexo (m/f) e na faixa etária (15-26, 27-49 e 50- em diante) dos informantes.

a) *Presente do indicativo*

(07) **Quem sabe** eu **ENCONTRO** um trabalho bem moderno. (Inq 47: 1-8 – f – 15-26)

b) *Presente do subjuntivo*

(08) **Quem sabe** até essa entrevista **SIRVA** também pra esclarecer mais algumas dúvidas. (Inq 61: 1-8 – m – 50-em diante)

c) *Pretérito imperfeito do indicativo*

(09) **Talvez** ele **USAVA** aos poucos, num sei agora que nunca mais vi. (Inq 52: 9-11 – m – 27-49)

d) *Pretérito imperfeito do subjuntivo*

(10) **Talvez** **FOSSE** melhor eles analisarem mais as coisas. (Inq 84: 1-8 – m – 27-49)

iv) Verbos da oração.

Dentre os grupos de fatores sociais, são controlados em nossa pesquisa:

i) Sexo

a) masculino

b) feminino

ii) Escolaridade

a) 1-8 de escolaridade

b) 9-11 de escolaridade

iii) Faixa etária

a) 15-26 anos

b) 27-49 anos

c) 50 anos em diante.

Com isso, nossa chave de codificação ficou representada conforme ilustra os dados retirados de nossa amostra:

Inq 16: 1-8 – m – 15-26

(Im8JrNQs^ ...estudar pra ter uma profissão diferente e quem sabe continuo na agricultura, mas tendo uma preparação, uma técnica.

Inq 159: 9-11 – f – 15-26

(Sf9JiUT#2 ...deve ser uma coisa muito boa... talvez você esteja mais próxima de Deus.

Onde:

I/S = representam o modo verbal da ocorrência

m/f = representam variável de gênero/sexo do informante

8/9 = representam a escolaridade do informante

J/J = representa a faixa etária do informante

r/i = representam o padrão morfofonológico do verbo da oração

N/U = representam o tempo verbal da ocorrência

Q/T = representam o marcador dubitativo da ocorrência

s/# = representam o informante

^/2 = representam o verbo da oração usado pelo informante

A seguir, apresentaremos a seção sobre o tipo de análise utilizada para a realização de nossa pesquisa.

4.3 Análise Quantitativa

Nossa pesquisa é descritiva, de base quantitativa, com o objetivo de analisar e descrever o fenômeno da alternância entre os modos subjuntivo e indicativo, em orações independentes, na fala do Cariri.

O cunho quantitativo-descritivo do trabalho se justifica pelo fato de que, com ele, propõe-se analisar características de um fenômeno, por meio de controle estatístico dos dados para a verificação de hipóteses. Por serem derivadas de teoria(s) e resultados de pesquisas anteriores, essas hipóteses também são geradas através da associação entre duas ou mais variáveis, sem necessidade de relação causal entre elas.

Como já citamos em seções anteriores, nossa pesquisa trabalha com a noção de *regra variável*, e isso, conseqüentemente, implica a necessidade de uma análise quantitativa e *multivariada*¹³, uma vez que, para dar conta da atuação de vários grupos de fatores, é preciso um número significativo de dados necessariamente empíricos e que descrevam usos efetivos de uma dada comunidade de fala.

¹³ A alternância entre duas ou mais formas pode ocorrer por influência de vários fatores.

Os estudos sociolinguísticos também se utilizam de recursos matemáticos – como a estatística e as noções de probabilidade. Isso confere à análise e descrição dos dados um maior rigor científico. Em nossa pesquisa, recorreremos ao programa computacional estatístico GOLDVARB X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2012) como importante ferramenta para a análise dos dados.

O programa estabelece a frequência de uso do fenômeno e o peso relativo entre a variável dependente e as variáveis independentes, apontando não apenas as probabilidades de ocorrência, mas também a força de atuação de uma variável em relação às outras. A rodada dos dados é feita entre os vários grupos de fatores simultaneamente, o que possibilita uma *análise multivariada*. O programa testa fator por fator e suas possíveis correlações: a influência e a reciprocidade entre os grupos de fatores ou a análise isolada de uma dada variável.

Além disso, o programa disponibiliza outras ferramentas com as quais o pesquisador tem autonomia para organizar a análise, refazendo combinações que julgar apropriadas para o desenvolvimento do trabalho.

É importante ressaltar que o tratamento estatístico em questão não limita a análise do pesquisador a números e porcentagens: pelo contrário, esse tipo de recurso serve como ferramenta parcial de análise e oferece ao pesquisador uma análise prévia das rodadas, o que permite futuros redirecionamentos e a escolha de novas combinações entre grupos de fatores.

Esse ‘instrumento de análise’ não só facilita a sistematização e a manipulação parcial dos resultados obtidos por meio das rodadas, como também oferece ao pesquisador a possibilidade de reinterpretar dados, refazer cruzamentos, alterar variáveis, descartar, recodificar e amalgamar dados. Ou seja, o tratamento estatístico, além de rigoroso, permite ao pesquisador um tratamento mais dinâmico e efetivo dos dados.

Programas como o GOLDVARB X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005) são importantes recursos metodológicos, que dão um diferencial à análise de cunho variacionista, justamente por considerarem mais significativa a análise que dá conta da comparação e da influência entre os pesos relativos e não apenas dos valores absolutos. Isso o torna mais adequado à medida que, em vez de apenas apontar porcentagens, quantifica a influência e as inter-relações entre as variáveis.

Além de operar nos mais diversos níveis de análise, nos quais são feitas comparações entre os valores estatísticos atribuídos a cada variável, o programa também

seleciona os valores mais significativos no processo de variação. Isso permite ao investigador mais de uma forma de análise das variáveis: primeiro, fator por fator, e, posteriormente, como os grupos de fatores se relacionam e interferem na atuação dos outros grupos em função do fenômeno que está sendo analisado.

Para Sankoff (1988b), a análise estatística não depende da origem de variabilidade, mas da interpretação de como se deu o processo de escolha pelo falante. Conforme o autor, algumas decisões sobre a coleta e a codificação dos dados, sobre qual fenômeno será estudado e em quais contextos esses processos serão interpretados devem ser anteriores à submissão dos processos de escolha do falante ao programa computacional.

Ainda ressalta que não se pode tirar os resultados dos números estatísticos, pois eles não falam por si. É responsabilidade do investigador atribuir determinados fatores linguísticos e interpretar os resultados que foram gerados pelo entrecruzar desses valores.

Outro ponto a favor do tratamento estatístico é a validade das informações: os dados são empíricos (não são fabricados) e descrevem o uso efetivo de uma dada comunidade de fala.

Portanto, as análises quantitativas são importantes instrumentos de interpretação de dados/resultados em fenômenos de cunho variacionista. Permitem, com um significativo rigor científico, situar/mapear a influência de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos em processos que ocorrem variação.

Além disso, ao colaborar para a descrição da atuação do fenômeno em dada comunidade, esse tipo de análise não só apresenta a atuação simultânea dos grupos de fatores nas escolhas linguísticas do falante e fornece a tendência e a regularidade dos dados e sua respectiva significância no conjunto de dados analisados, mas também ajuda no trabalho de comprovação/refutação das hipóteses que estão sendo testadas.

Depois de apresentados os procedimentos metodológicos, delimitados a variável dependente e os grupos de fatores analisados em nossa investigação, trataremos, então, nos próximos capítulos, da análise e discussão dos dados.

5 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Feita a apresentação de nosso objeto de estudo, estabelecido o arcabouço teórico e delimitados os procedimentos metodológicos, passamos, então, para a parte analítico-descritiva de nosso trabalho: a investigação da alternância entre os modos subjuntivo e indicativo em orações independentes na fala do Cariri.

Optamos por organizar a análise em duas seções: primeiramente, uma referente a atuação dos grupos de fatores linguísticos – *padrão morfofonológico, marcador dubitativo, tempo verbal, tipo de verbo da oração*; por fim, uma seção destinada à análise da atuação dos grupos de fatores sociais – *gênero/sexo, faixa etária e escolaridade*.

Como já mencionamos anteriormente, o recorte teórico-metodológico de nossa pesquisa privilegia o controle de dois contextos de análise: os que favorecem a alternância modal e os que restringem o uso obrigatório do modo subjuntivo. Por mais que o indicativo seja, teoricamente, muito produtivo na fala, sabemos também que certos contextos linguísticos praticamente exigem o uso obrigatório do subjuntivo (uso categórico). Da mesma forma, existem ambientes favorecedores de alternância modal e outros em que o indicativo tem primazia. Por isso, em nosso trabalho, decidimos analisar também a distribuição do fenômeno nos 3 contextos supracitados: uso categórico do subjuntivo, uso categórico do indicativo e uso em alternância.

Assim, mais do que entender a atuação das categorias (extra) linguísticas no fenômeno variacionista de alternância modal na fala do Cariri cearense, queremos investigar como o subjuntivo, do ponto de vista da Sociolinguística laboviana, se efetiva na fala cearense, à medida que entendemos a variação como um fenômeno capaz de codificar motivações das mais diversas ordens: discursiva, sintático-semântica, morfossintática.

Para isso, delimitamos nosso objeto de estudo e optamos pela investigação da alternância modal em orações independentes introduzidas pelos marcadores dubitativos *talvez* e *quem sabe*, na região do Cariri, a fim de ampliar e contribuir com a descrição desse importante fenômeno e posicionar o estudo de nossa pesquisa em relação aos trabalhos anteriores. Além disso, intentamos ainda fornecer dados sobre o português falado da região Nordeste, que tem sido considerada uma região que preserva o subjuntivo na fala.

Além dos resultados de atuação de cada fator, seja linguístico ou social, também apresentaremos e descreveremos, ao longo das discussões, rodadas com cruzamentos entre grupos de fatores a fim de verificarmos como grupos de diferentes naturezas (morfológicas, semânticas, etc) podem favorecer ou não a ocorrência do fenômeno analisado, bem como interpretar a multiplicidade de combinações possibilitadas pelos respectivos entrecruzamentos.

Segundo Carvalho (2007), quando submetemos esses grupos de fatores, em forma de conjunto de variáveis linguísticas e sociais, ao tratamento estatístico proposto pelo modelo teórico-metodológico da teoria da variação e mudança, não só obtemos a seleção dos grupos de fatores mais significativos no processo de variação do fenômeno em análise, como também somos alertados sobre aqueles que não exercem condicionamento relevante sobre a variável em questão.

Nas próximas subseções, discutiremos como esse favorecimento é distribuído nos dados do *corpus* do Cariri, de acordo com a atuação dos grupos de fatores linguísticos *padrão morfofonológico*, *marcador dubitativo*, *tempo verbal* e *verbo da oração*, bem como dos grupos de fatores sociais *gênero/sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*.

A seguir, passamos à análise e à descrição da atuação dos grupos de fatores internos e externos no *corpus* da região do Cariri cearense (PROFALA).

5.1 Atuação dos grupos de fatores linguísticos

Nesta seção, serão apresentados os grupos de fatores linguísticos *padrão morfofonológico do verbo*, *marcador dubitativo*, *tempo verbal*, *verbo da oração*. No *corpus* do Cariri, todos os grupos de fatores acima, exceto *verbo da oração*, foram selecionados pelo GOLDVARB X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005, 2012). Mesmo não sendo selecionado pelo programa estatístico, apresentaremos algumas considerações a respeito do grupo de fatores *verbo da oração*, principalmente no que diz respeito aos contextos de ocorrência em que cada verbo se mostrou favorecedor.

5.1.1 Padrão morfofonológico do verbo

Para verificar a influência do padrão morfofonológico dos verbos na alternância entre subjuntivo/indicativo em orações subordinadas substantivas, Rocha (1997)

verificou, primeiramente, qual grupo era mais favorecedor desse fenômeno: a saliência fônica ou a força da pressão paradigmática. A autora constatou que, do ponto de vista estatístico, a pressão do paradigma verbal se mostrou mais relevante.

Com esse resultado, a expectativa de que formas mais salientes favorecessem o uso do subjuntivo foi quebrada em função da expressiva influência dos padrões verbais.

Na pesquisa de Rocha (1997) também foi possível constatar outro fato: a regularidade dos verbos é escalar, gradual, ou seja, um verbo pode ser regular, mas conter carga semântica semelhante ou próxima a dos verbos irregulares.

Desse modo, a autora destaca a necessidade de separar, com a intenção de evitar o enviesamento da pesquisa, os verbos irregulares dos verbos anômalos (com irregularidade mais acentuada). Com isso, averiguou que existem noções intermediárias no gradiente das formas verbais: há formas irregulares (com peso relativo de 0,80) que favorecem o uso do subjuntivo justamente por se aproximarem mais do comportamento verbal de formas regulares.

É o caso de verbos irregulares como *fazer, dar, trazer, poder, querer* que, na pesquisa de Rocha (1997), apresentaram um comportamento verbal próximo ao dos verbos regulares. Para a autora, o nível intermediário de irregularidade os aproxima da regularidade e os afasta da irregularidade máxima característica dos verbos anômalos.

Daí a justificativa do tratamento separado dessas formas verbais a fim de evitar o enviesamento dos resultados.

Diferente dos resultados de Poplack (1992), que mostraram as formas regulares como desfavorecedoras (0,29) e as irregulares como favorecedoras (0,65) do subjuntivo, Rocha (1997) obteve resultados que apontaram os verbos regulares (0,66) e irregulares (0,80) como favorecedores. Em ambos os estudos, as formas anômalas foram consideradas desfavorecedoras do modo subjuntivo.

No entanto, em nosso trabalho, percebemos que, além das formas irregulares, esse favorecimento também ocorre em larga escala com as formas verbais anômalas (0,86). Provavelmente, isso se deve ao fato de que tais formas verbais também carregam, estruturalmente, uma carga de irregularidade. Esses resultados podem ser conferidos na tabela 1.

Tabela 1 – Atuação do padrão morfofonológico do verbo no uso do subjuntivo na fala do Cariri

Padrão Morfofonológico do Verbo	Subjuntivo / Total	%	Peso Relativo
Regular Exs.: <i>deixar, sofrer</i>	17 / 34	50 %	0,28
Irregular Exs.: <i>ter, fazer</i>	21 / 31	68 %	0,52
Anômalo Exs.: <i>ser, ir</i>	16 / 18	89 %	0,86
Total	54 / 83	65 %	

(Input 0.793)

De acordo com a tabela, podemos perceber que, na região do Cariri, as formas anômalas foram favorecedoras do subjuntivo na oração, com peso relativo de 0,86. As formas verbais regulares (0,28) inibem o uso do subjuntivo, enquanto as irregulares (0,52), mesmo de maneira discreta, também favorecem o uso desse modo.

A fim de considerarmos como se efetiva a relação sintático-semântica entre o grau de regularidade dos verbos e o tempo verbal em que aparecem na oração, a tabela 2 nos mostra a atuação do padrão morfofonológico do verbo em função do tempo verbal na alternância entre as formas subjuntivas e indicativas na região do Cariri:

Tabela 2 - Atuação da variável tempo verbal em função do padrão morfofonológico do verbo no uso do subjuntivo na fala do Cariri

Tempo verbal	Regular		Anômalo		Irregular		Total	
	Subj./Total	%	Subj./Total	%	Subj./Total	%	Subj./Total	%
Presente do Subj.	12/25	48%	12/13	92%	8/14	57%	32/52	62%
Pretérito do Subj.	5/6	83%	4/4	100%	13/14	93%	22/24	92%
Total	17/31	55%	16/17	94%	21/28	75%	54/76	71%

Nesse cruzamento, os dados relativos aos verbos usados no futuro do presente (3 ocorrências) e no futuro do pretérito (4 ocorrências) foram desconsiderados na rodada, o que resultou na diminuição do número total de dados (de 83 para 76), bem como na alteração nos resultados percentuais relativos ao padrão morfofonológico do verbo (regulares = de 50% para 55%, irregulares = de 68% para 75%, anômalos = de 89% para 94%).

Com base nos dados acima, percebemos que, de fato, os verbos anômalos foram mais produtivos também no que diz respeito ao cruzamento com o tempo verbal da oração: tanto com os verbos no presente como no pretérito imperfeito, o percentual de ocorrência dos verbos anômalos foi superior ao das formas regulares (55%) e irregulares (75%). Além disso, o pretérito imperfeito se mostrou favorecedor do subjuntivo para a ocorrência das formas verbais regulares e irregulares, bem como foi categórico (100%) na distribuição das formas anômalas. Abaixo, seguem exemplos da amostra em análise com as três formas verbais – regular, irregular e anômalo, respectivamente - no tempo pretérito.

(11) **Quem sabe** um dia eu **CHEGASSE** a ser uma pessoa de bem...

(Inq 17: 1-8 – m – 15-26)

(12) **talvez** não **TIVESSE** tanto assim' esses contrabando...

(Inq 84: 1-8 – m – 27-49)

(13) uma ditadura **talvez FOSSE** o melhor...

(Inq 151: 1-8 – m – 27-49)

De acordo com os resultados acima, vimos que o padrão morfofonológico é um fator favorecedor do subjuntivo em orações independentes na fala do Cariri. Diferente de estudos variacionistas anteriores como os de Poplack (1992) e Rocha (1997), verificamos que as formas anômalas foram as mais expressivas no favorecimento do uso subjuntivo (0,86), enquanto as formas regulares e irregulares foram mais discretas na ocorrência desse modo na fala do Cariri.

Ao cruzarmos os grupos de fatores *tempo verbal e padrão morfofonológico do verbo*, averiguamos que, independentemente do tempo verbal, quanto mais irregular o verbo, mais favorecido é o subjuntivo. Logo, as formas irregulares e anômalas foram favorecedoras do subjuntivo, enquanto as regulares foram desfavoráveis.

Nesse cruzamento também foi possível depreender a relevante influência do pretérito imperfeito na atuação de todas as formas verbais: verbos regulares e irregulares com percentuais acima de 80% e 90%, respectivamente; além disso, formas anômalas tiveram uso categórico com o tempo pretérito imperfeito no uso do subjuntivo na fala do Cariri.

Na próxima subseção, apresentaremos os resultados com a variável marcador dubitativo.

5.1.2 Marcador dubitativo

Segundo Pimpão (1999), o modalizador *talvez* é inegavelmente uma das mais expressivas estratégias linguísticas capaz de traduzir a incerteza epistêmica, graças ao seu traço inerente de imprimir uma baixa adesão do falante em relação ao que enuncia.

Conforme a autora, ao prevenir o ouvinte sobre seu descompromisso com a informação veiculada, o falante revela não apenas o seu baixo grau de comprometimento, mas também enquadra, conseqüentemente, sua proposição no eixo da possibilidade, da hipótese.

Pimpão (1999) ainda acrescenta que a modalidade *irrealis*, intrínseca ao modalizador, ainda exime o falante de se responsabilizar pelo grau/teor de verdade/falsidade do conteúdo da proposição.

Num primeiro momento, nosso trabalho pretendia analisar apenas orações independentes introduzidas pelo modalizador *talvez*. No entanto, em virtude da dificuldade na obtenção de dados suficientes para a análise dos dados e considerando a coocorrência do uso do *quem sabe* também como marcador de modalidade *irrealis*, por questões metodológicas, optamos pela ampliação desse grupo de fatores e, com isso, incluímos os dados com a ocorrência do modalizador *quem sabe*.

Nesta pesquisa, consideramos, com base em Silva; Lucena (2010), que as formas *talvez* e *quem sabe* podem assumir o mesmo valor de verdade no que tange à codificação do grau de possibilidade.

Ao contrário do *quem sabe*, outros marcadores dubitativos como *possivelmente* e *provavelmente* não se mostraram produtivos no *corpus* em análise. Supomos que, na manifestação da modalidade epistêmica e, portanto, da escalaridade de incerteza inerente ao modo subjuntivo, *talvez* e *quem sabe* concorram, respectivamente, como forma conservadora, mais frequente/comum, e forma inovadora, menos recorrente.

Silva e Lucena (2010) analisaram a ocorrência dos marcadores dubitativos *talvez* e *quem sabe* em dados do Português Oral Culto de Fortaleza e também obtiveram como resultado o uso expressivo do *talvez*.

As autoras também atribuem a disparidade na distribuição dos marcadores discursivos por conta das diferentes possibilidades de utilizá-los como recursos linguísticos: enquanto o *talvez* ocorre essencialmente como advérbio de dúvida, o *quem*

sabe pode assumir duas funções distintas – primeiramente, na combinação entre pronome indefinido *quem* + verbo factivo *saber*; e, assim como o *talvez*, desempenhar a função de expressão dubitativa.

A seguir, a tabela 3 nos mostra a atuação desses marcadores no uso do modo subjuntivo em orações independentes na fala da região do Cariri cearense:

Tabela 3– Atuação do marcador dubitativo no uso do subjuntivo na fala do Cariri

Marcador dubitativo	Subjuntivo / Total	%	Peso Relativo
Talvez	39 / 48	81 %	0,72
Quem sabe	15 / 38	39 %	0,25
Total	54 / 86	65 %	

(Input 0.793)

Como podemos observar, o uso do advérbio *talvez* como modalizador epistêmico de dúvida no uso do subjuntivo foi indiscutivelmente superior ao uso do marcador *quem sabe*, com peso relativo três vezes maior (0,72 - 0,25).

Dentre os poucos estudos com orações independentes introduzidas por marcadores dubitativos, nosso trabalho contribui, com essa comparação entre os modalizadores *talvez* e *quem sabe*, no que diz respeito à verificação da atuação desses recursos no uso do subjuntivo em tais orações.

A exemplo de Silva e Lucena (2010), optamos pelo aprofundamento da análise desse tipo de modalizador e, ao compararmos a atuação do *talvez* com a atuação do item *quem sabe*, decidimos ampliar o gradiente de análise do fenômeno de alternância modal sob o escopo de modalizadores dubitativos, tendo em vista que, em trabalhos anteriores, foram realizadas apenas análises com o marcador discursivo *talvez*.

Assim como no trabalho das autoras supracitadas, encontramos a mesma tendência no uso dos marcadores: assim como na fala oral culta de Fortaleza, o *talvez* foi a forma mais favorecedora do modo subjuntivo na fala do Cariri cearense.

Para validarmos nossa contribuição, decidimos verificar em que medida o *padrão morfofonológico do verbo* se entrecruza com os itens dubitativos da oração.

Ilustramos, na tabela 4, os resultados obtidos com o cruzamento entre as variáveis linguísticas supracitadas:

Tabela 4- Atuação do padrão morfofonológico do verbo em função do marcador dubitativo no uso do subjuntivo na fala do Cariri

Marcador dubitativo	Regular		Anômalo		Irregular		Total	
	Subj./Total	%	Subj./Total	%	Subj./Total	%	Subj./Total	%
Talvez	11/16	69%	12/12	100%	16/17	94%	39/47	85%
Quem sabe	6/18	33%	4/6	67%	5/14	36%	15/38	39%
Total	17/34	50%	16/18	89%	21/31	68%	54/83	65%

Nos dados acima, podemos verificar a forte ocorrência do modalizador *talvez* em todas as formas verbais, com destaque para as formas anômalas, cuja frequência de uso foi de 100%. Já o modalizador *quem sabe* se mostrou produtivo apenas na combinação com as formas anômalas (67%).

Portanto, assim como o *padrão morfofonológico* do verbo, a variável *marcador dubitativo* também se mostrou favorecedora do modo subjuntivo na fala do Cariri. A forte atuação desses grupos de fatores na seleção do subjuntivo como uso modal aponta também para o fato de que, além de favoráveis à ocorrência do subjuntivo, tais grupos de fatores interagem como recursos sintático-semânticos complementares nesse processo de variação.

Isso está diretamente ligado ao que Neves (2000) aponta em relação ao modalizador epistêmico *talvez* e sua atuação em alguns discursos: segundo a autora, esse modalizador imprime aos enunciados um traço de *eventualidade*, o que reduz, por parte do falante, o comprometimento com a veracidade do que é dito e favorece, portanto, a ocorrência de enunciados que transmitem a ideia de possibilidade, probabilidade, incerteza, comumente associadas ao modo subjuntivo.

Abaixo, ilustramos a ocorrência desse tipo de enunciado com exemplos de verbos anômalos e irregulares, por terem sido mais produtivos na amostra em análise:

(14) *quem sabe* até essa entrevista **sirva** também pra esclarecer mais algumas dúvidas... (irregular - Inq 61: 1-8 – m – 50-em diante)

(15) em alguns casos *talvez* **seja** isso, o FUNDEF é empregado de forma errada em alguns municípios... (anômalo - Inq 137: 9-11 – f – 27-49)

Em (14), o enunciador deixa em aberto a possibilidade de a entrevista ter servido como ferramenta de esclarecimento para determinadas questões. Além do modo verbal e do marcador discursivo de teor dubitativo, o vocábulo *até* colabora, nesse caso, para a construção do contexto de dúvida/incerteza em torno da proposição.

Já em (15), temos a combinação entre modo verbal, marcador dubitativo e o verbo da oração (*ser*) como demarcadores da condição de incerteza sobre a proposição de que não há como se certificar de que determinado fundo (FUNDEF) está sendo empregado corretamente em alguns municípios da região.

Na próxima subseção, apresentaremos os resultados com a variável linguística *tempo verbal*.

5.1.3 Tempo verbal

Em nossa pesquisa também realizamos o controle do fator *tempo verbal* a fim de verificarmos sua atuação no uso do subjuntivo em orações independentes com *talvez* e *quem sabe* na fala da região do Cariri.

Inicialmente, fizemos rodadas com 2 tempos verbais do subjuntivo (*pretérito imperfeito e presente*) e 5 tempos verbais do modo indicativo (*pretérito perfeito, pretérito imperfeito, futuro do pretérito, presente e futuro simples*). No entanto, para evitar o enviesamento dos dados, foram necessários alguns ajustes: primeiramente, excluímos todos os dados referentes ao tempo futuro, devido aos nocautes gerados pela ocorrência de verbos exclusivamente no indicativo. Posteriormente, foram amalgamados os tempos verbais *futuro do pretérito e o futuro simples do indicativo*, mas se mantiveram os nocautes. Dessa forma, pela sequência de nocautes e pela impossibilidade de amalgamação com outros tempos verbais, com a exclusão dos dados relativos aos tempos *futuro do pretérito e futuro simples do indicativo*, as ocorrências diminuíram de 83 para 76.

Em seguida, amalgamamos e dividimos os cinco tempos verbais restantes em duas categorias temporais – presente do subjuntivo e do indicativo e pretérito do subjuntivo e do indicativo. Para realizar essas escolhas, baseamo-nos em pesquisas anteriores que também controlaram esse grupo de fatores como Pimpão (1999), Carvalho (2007) e Barbosa (2013).

Em sua pesquisa com orações subordinadas substantivas, Carvalho (2007) controlou o tempo verbal da matriz, realizando, inclusive a análise do presente

subjuntivo/indicativo e pretérito imperfeito subjuntivo/indicativo separadamente. A autora tinha como objetivo analisar a atuação desses tempos verbais na alternância subjuntivo/indicativo, considerando que, para cada tempo verbal, coexistem correlações de *tempo, aspecto e modalidade* (T-A-M)¹⁴, conforme explicita Givón (1995, p. 116).

Ainda quanto à questão temporal, Pimpão (1999) e Carvalho (2007) concluíram, com base nos respectivos resultados de seus trabalhos, que, no que diz respeito à ocorrência do modo subjuntivo em fenômenos variacionistas de flutuação modal, há um nítido deslocamento do traço de futuridade da categoria temporal para a categoria modal. Segundo Carvalho (2007), o traço de futuridade, em seus dados, ocorreu especialmente em orações com verbos volitivos.

Nos dois estudos supracitados, o pretérito imperfeito foi o tempo verbal favorecedor do uso do subjuntivo. Em nosso trabalho, a hipótese de que esse tempo verbal seria mais favorecedor do que o presente no uso do subjuntivo e que o pretérito imperfeito do indicativo, também foi corroborada, conforme ilustram os exemplos abaixo:

(16) Se liberassem esse uso da droga, **talvez DIMINUÍSSE** esse número de usuários...

(Inq 84: 1-8 – m – 27-49)

(17) Se fosse nesse jeito de hoje, **talvez** eu num **TIVESSE** essa força de trazê-los todos mantidos perto de mim, né?

(Inq 97: 1-8 – f – 50-em diante)

(18) Se ele se desse por satisfeito, **talvez** o caso já **ESTIVESSE** resolvido...

(Inq 165: 1-8 – f – 27-49)

Nos três exemplos acima, poderíamos substituir as formas subjuntivas no pretérito imperfeito pelas formas indicativas *diminuiria* em (16), *teria* em (17) e *estaria* em (18) do pretérito perfeito, mas não poderíamos, entretanto, substituí-las pelas formas do presente do subjuntivo *diminua* em (16), *tenha* em (17) e *esteja* em (18).

Isso nos adianta o resultado ilustrado pela tabela 5, que nos apresenta a atuação do tempo verbal no uso do subjuntivo em orações independentes na região do Cariri:

¹⁴ Para Givón (1995, 2001), *tempo, aspecto e modo* (T-A-M) são categorias obrigatórias que se situam em distintos pontos de partida do 'time' e constituem um complexo feixe de traços semânticos e pragmático-discursivos.

Tabela 5 – Atuação do tempo verbal no uso do subjuntivo na fala do Cariri

<i>Tempo verbal</i>	<i>Subjuntivo / Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso Relativo</i>
Presente	32/ 52	62 %	0,46
Pretérito imperfeito	22 / 24	92 %	0,69
Total	54 / 76	71 %	

(Input 0.793)

Conforme a tabela 5, vimos que o pretérito imperfeito favorece o uso do subjuntivo na fala do Cariri e, embora os resultados acima nos mostrem um número de ocorrências no presente do subjuntivo/indicativo superior ao do pretérito imperfeito do subjuntivo/indicativo (52 contra 24). No entanto, se analisarmos a aplicação da regra, o quadro se inverte e temos um favorecimento do subjuntivo muito mais significativo com o tempo verbal pretérito imperfeito do subjuntivo/indicativo do que com o presente do subjuntivo/indicativo, o que justifica o expressivo peso relativo do tempo pretérito imperfeito (0,69).

Abaixo, seguem exemplos da amostra em análise com verbos no presente (19) e (20) e no pretérito imperfeito (21), (22), (23) e (24):

(19) Os alunos **talvez** nem **TENHAM** culpa, o problema vem de casa mesmo...

(Inq 116 : 9-11 – f – 27-49)

(20) A maioria das pessoas **talvez PENSE** assim como eu...

(Inq 113: 9-11 – f – 50-em diante)

(21) **Talvez** num **TIVESSE** nenhum ano mesmo...

(Inq 100: 9-11 – f – 50-em diante)

(22) **Talvez** o caso já **ESTIVESSE** resolvido...

(Inq 104: 1-8 – f – 50-em diante)

(23) **Talvez FOSSE** depois da chamada e esqueceram...não falaram mais

(Inq 71: 1-8 – f – 27-49)

(24) **Talvez** eu **ACHASSE** algo melhor em outra área...

Conforme os exemplos acima, podemos perceber que as construções com o tempo pretérito são basicamente formadas por *talvez* + *pretérito imperfeito do subjuntivo*. Os verbos irregulares (*ter*, *estar*) estão entre os que se mostraram mais frequentes no uso do subjuntivo com o tempo pretérito imperfeito na amostra da região do Cariri.

O cruzamento apresentado na tabela 6 foi realizado na tentativa de identificarmos e compreendermos a inter-relação entre as variáveis linguísticas *marcador dubitativo* e *tempo verbal* no uso do subjuntivo em orações independentes na fala do Cariri:

Tabela 6 - Atuação da variável marcador dubitativo em função do tempo verbal no uso do subjuntivo na fala do Cariri

Marcador dubitativo	Presente		Pretérito		Total	
	Subj./total	%	Subj./total	%	Subj./total	%
Talvez	19/22	86%	20/21	95%	39/43	91%
Quem sabe	13/30	43%	2/3	67%	15/33	45%
Total	32/52	62%	22/24	92%	54/76	71%

Na tabela 6, realizamos o cruzamento do *marcador dubitativo* em função do *tempo verbal* no uso do subjuntivo e, mais uma vez, o *talvez* foi mais favorecedor que o modalizador *quem sabe* no uso do subjuntivo: enquanto o primeiro se mostrou favorável tanto no presente no subjuntivo/indicativo como no pretérito imperfeito do subjuntivo/indicativo, com altas porcentagens (86% e 95%, respectivamente), o segundo apresentou uma atuação favorável do modo subjuntivo apenas no pretérito, com 67% das ocorrências, conforme nos mostra a tabela acima.

Portanto, averiguamos que a variável *tempo verbal* também se mostrou favorável ao uso do subjuntivo na fala da região em análise. Abaixo, a tabela 7 ilustra a atuação do tempo verbal, em termos percentuais, na fala do Cariri cearense:

Tabela 7 – Atuação do tempo verbal na fala do Cariri

<i>Tempo verbal</i>	<i>Oco. / Total</i>	<i>%</i>
Presente do subjuntivo	32 / 52	62 %
Presente do indicativo	20 / 52	38%
Pretérito imperfeito do subjuntivo	22 / 24	92 %
Pretérito imperfeito do indicativo	2 / 24	8%
Total	54 / 76	71 %

Isso nos permite concluir que, no que tange à forma do tempo verbal, a região do Cariri favorece o tempo verbal pretérito imperfeito com mais relevância no modo

subjuntivo, porém, também apresenta resultados significativos no favorecimento dos contextos de alternância.

Também vimos que o cruzamento entre *marcador dubitativo* e *tempo verbal da oração* apontam para resultados bastante significativos no que se refere ao favorecimento do modo subjuntivo na fala do Cariri: tanto no presente como no pretérito, o *talvez* apresentou elevadas porcentagens (86% e 95%, respectivamente).

A seguir, trataremos dos resultados referentes ao grupo de fatores *verbo da oração*.

5.1.4 Verbo da oração

Para controlar a atuação deste grupo de fatores e para tornarmos viável a apresentação de resultados coerentes, foram tomadas algumas decisões metodológicas ao longo das rodadas. Primeiramente, pensamos em verificar o número de ocorrências de cada verbo e tentar agrupá-los, num segundo momento, em categorias mais amplas, no caso, por *tipo verbal* (cognitivo, factivo, volitivo, *dicendi*).

No entanto, dos 39 verbos do *corpus* em análise, muitos ocorreram apenas uma vez. Isso dificultou o agrupamento dos verbos da oração em função da carga semântica, tendo em vista que muitos verbos tinham naturezas semânticas muito particulares, tornando o agrupamento dos verbos por carga semântica de difícil realização. Com tais restrições impostas por essa dificuldade, decidimos analisar a atuação dos verbos da oração em função dos contextos em que foram utilizados no favorecimento do modo subjuntivo.

Assim, dividimos os verbos da amostra sob a perspectiva de ocorrência em contextos categóricos e de alternância. Desse novo arranjo resultaram análises da atuação dos verbos da oração de acordo com os 3 contextos delimitados em nossa pesquisa:

- a) Contexto em que houve uso categórico do subjuntivo;
- b) Contexto em que houve uso categórico do indicativo;
- c) Contexto em que houve alternância de uso entre o subjuntivo e indicativo.

Do mesmo modo que Rocha (1997), obtivemos poucas ocorrências (86) no *corpus* em análise e também reconhecemos a pequena extensão da amostra, o que, conseqüentemente, nos condicionou a trabalhar com a perspectiva de *indícios* em vez de

afirmações incisivas a respeito do fenômeno estudado nesta pesquisa. Conforme a autora, essa configuração já é esperada quando se trabalha com a investigação de fenômenos de natureza sintática.

Mesmo com tais limitações, propusemo-nos a investir na análise do fenômeno de alternância verbal na fala do Cariri e, a fim de validar e enriquecer nosso trabalho, mantivemos o grupo de fatores *verbo da oração*, apenas reconfigurando a perspectiva de análise a que submetemos esse grupo, considerando os verbos sem categorizá-los por grupo semântico.

A tabela 8 nos mostra a atuação dos verbos da oração no uso do subjuntivo em orações independentes na fala do Cariri:

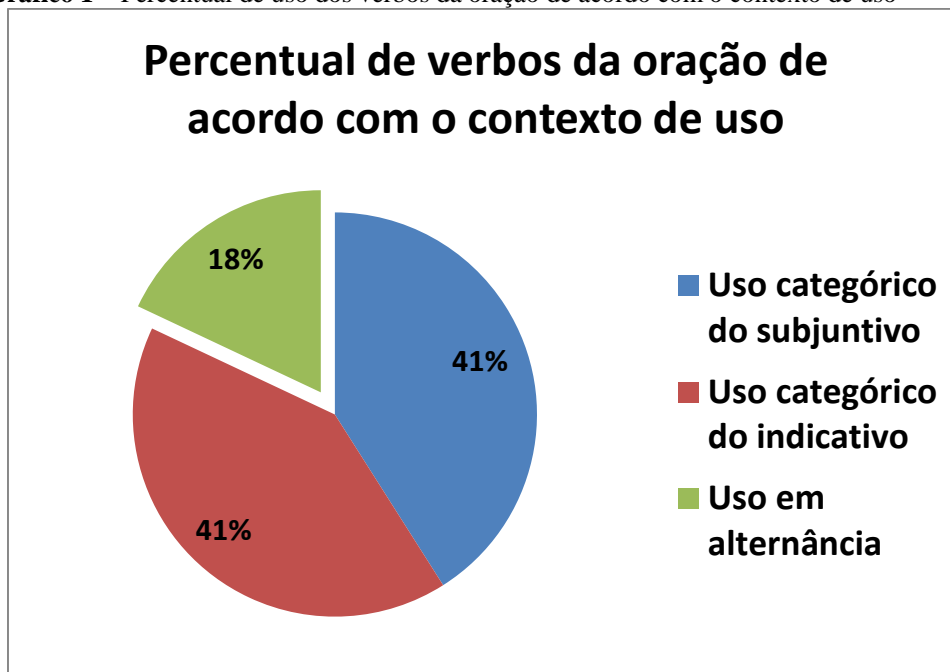
Tabela 8 – Atuação dos verbos da oração no uso do subjuntivo

Verbos	Ocorrências subjuntivo		Ocorrências indicativo	
	Total	%	Total	%
Deixar	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Continuar	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Ser	15/16	94%	1/16	6%
Aparecer	1/2	50%	1/2	50%
Ter	12/17	71%	5/17	29%
Estudar	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Chegar	1/2	50%	1/2	50%
Converter	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Começar	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Lutar	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Fazer	2/2	100%	0/2	Não ocorreu
Organizar	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Sofrer	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Diminuir	2/2	100%	0/2	Não ocorreu
Gostar	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Melhorar	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Acabar	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Corresponder	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Usar	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Conseguir	1/2	50%	1/2	50%
Sentir	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Poder	1/3	33,3%	2/3	66,7%
Informar	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Falar	2/2	100%	0/2	Não ocorreu
Servir	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Achar	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Dar	0/4	Não ocorreu	4/4	100%
Encontrar	0/2	Não ocorreu	2/2	100%
Resolver	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Cursar	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Estar	4/4	100%	0/4	Não ocorreu
Viver	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Ingressar	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Voltar	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Merecer	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Mudar	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Querer	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Ir	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Pensar	1 / 2	50%	1 / 2	50%
Total	54/86	63%	32/86	37%

A tabela 8 apresenta a distribuição dos verbos encontrados no *corpus* em orações independentes dubitativas, além de apresentar a atuação desses verbos quanto ao favorecimento dos modos subjuntivo e indicativo na fala do Cariri cearense.

Com base nos resultados da tabela 8, detalhamos, primeiramente, a distribuição das ocorrências dos verbos da oração em função dos possíveis contextos de uso analisados neste trabalho – uso categórico do subjuntivo, uso categórico do indicativo e uso com alternância entre os modos. O gráfico 1 nos apresenta esse detalhamento:

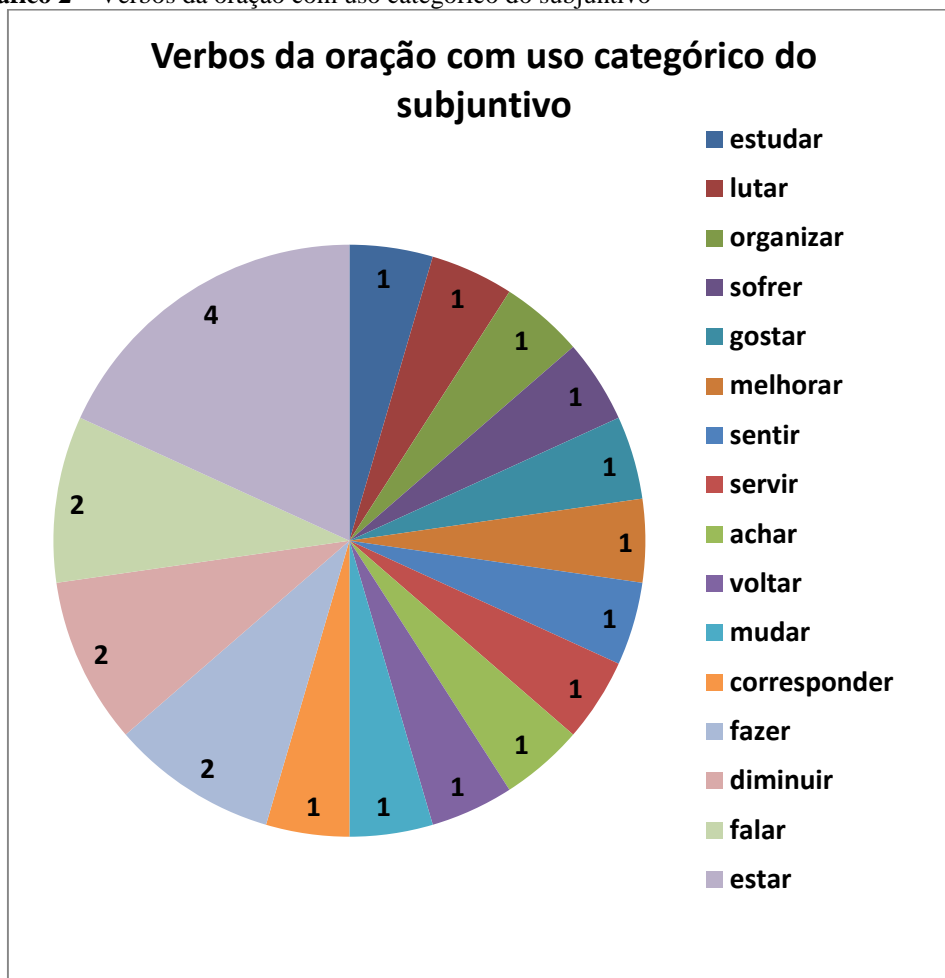
Gráfico 1 – Percentual de uso dos verbos da oração de acordo com o contexto de uso



Como podemos perceber, houve equilíbrio no uso de verbos nos contextos categóricos, com 41% (16 verbos no subjuntivo) e 41% (16 verbos no indicativo), totalizando 82% do total dos verbos. Apenas 7 verbos - *ser, ter, aparecer, poder, chegar, conseguir, pensar*) favoreceram o contexto de alternância, o que corresponde a 18% do total de verbos do *corpus*.

O gráfico 2 apresenta o percentual de ocorrência dos verbos em contexto de uso categórico do subjuntivo.

Gráfico 2 – Verbos da oração com uso categórico do subjuntivo



Conforme ilustra o gráfico 2, os verbos *estar*, *falar*, *diminuir* e *fazer* foram os mais favorecedores do contexto de uso categórico do subjuntivo. Juntos, somaram 10 das 22 ocorrências desse contexto, o equivalente a 45% dentre os verbos que favoreceram o uso categórico do subjuntivo. Os demais verbos apresentaram apenas uma ocorrência.

A fim de aprofundarmos a análise e a discussão dos resultados envolvendo a variável *verbo da oração*, decidimos verificar em que medida a variável *marcador dubitativo* favorece a ocorrência dos contextos de uso dos 39 verbos analisados em nosso corpus. Para isso, realizamos, primeiramente, a análise de cada contexto e, por fim, na tabela 12, apresentamos os resultados gerais, obtidos com os 3 contextos analisados nessa pesquisa.

A tabela 9 apresenta a atuação do marcador dubitativo em função dos verbos com uso categórico do subjuntivo:

Tabela 9 – Atuação do marcador dubitativo em função dos verbos com uso categórico do subjuntivo

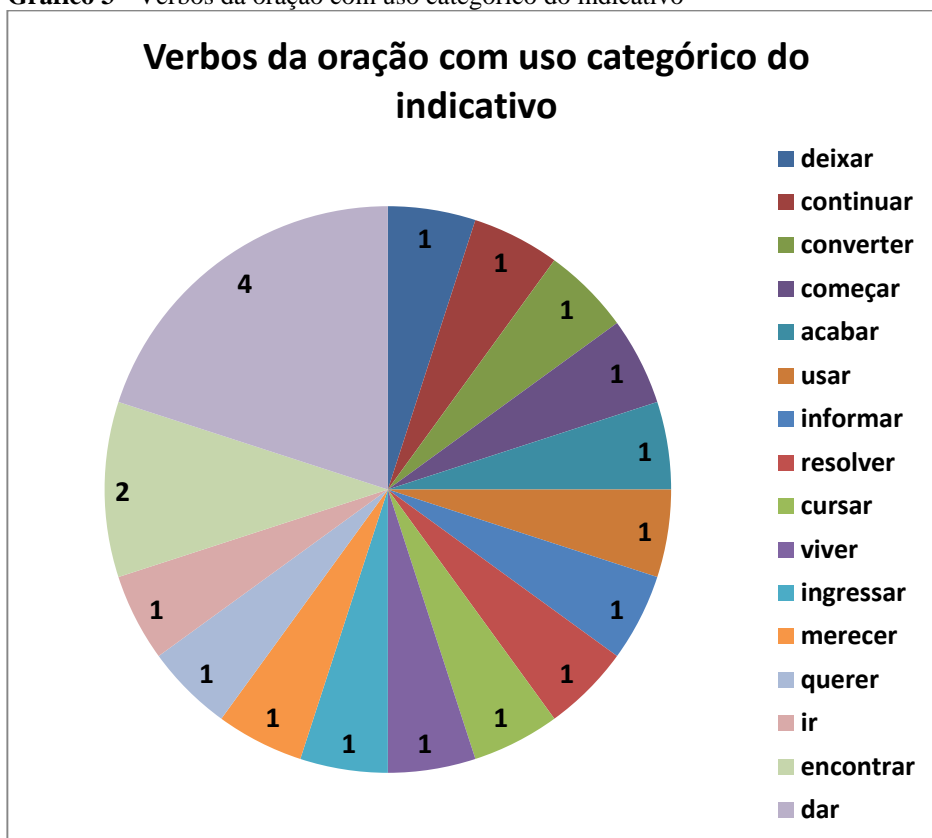
Verbo da oração	Talvez	%	Quem sabe	%
Estudar	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Lutar	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Fazer	1/2	50%	1/2	50%
Organizar	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Sofrer	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Diminuir	2/2	100%	0/2	Não ocorreu
Gostar	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Melhorar	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Sentir	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Falar	2/2	100%	0/2	Não ocorreu
Servir	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Achar	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Estar	4/4	100%	0/4	Não ocorreu
Voltar	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Mudar	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Corresponder	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Total	16		6	22

Com base na tabela 9, percebemos que os verbos *lutar*, *sofrer*, *diminuir*, *gostar*, *melhorar*, *sentir*, *falar*, *achar*, *estar* e *corresponder* foram favorecedores do item *talvez* em contextos cujo uso do subjuntivo foi categórico. Todos os verbos supracitados tiveram 100% das ocorrências com o marcador *talvez*. O verbo *estar* foi o maior favorecedor com as 4 ocorrências com formas subjuntivas em combinação com *talvez* e, junto com os verbos *falar* e *diminuir*, soma 50% (8/16) do total de ocorrências com *talvez* no contexto em análise.

Os verbos *estudar*, *organizar*, *servir*, *voltar* e *mudar* foram favorecedores do item *quem sabe*, cada um com 1 ocorrência no contexto em análise, totalizando 5/6 ocorrências com *quem sabe*. O verbo *fazer* foi o único que apresentou 50% de ocorrências com cada um dos itens dubitativos em contextos com uso categórico do subjuntivo. Assim como no contexto analisado anteriormente, o item *talvez* foi maior favorecedor dos verbos com uso categórico do subjuntivo, com 16/22 ocorrências analisadas.

O gráfico 3 apresenta o percentual de ocorrência dos verbos em contexto de uso categórico do indicativo.

Gráfico 3 - Verbos da oração com uso categórico do indicativo



Conforme ilustra o gráfico 3, dos 16 verbos obtidos em contexto categórico do indicativo, apenas *encontrar e dar* apresentaram mais de uma ocorrência. Os outros 12 verbos apresentaram apenas uma ocorrência no contexto abordado. Conforme explicitado no início desta seção, muitos verbos em contexto categórico tiveram apenas uma ocorrência, o que dificulta afirmar que o verbo em questão é, de fato, favorecedor de tal modo verbal.

O uso categórico, na grande maioria dos verbos de nosso *corpus*, se deve ao fato de que nossa base de análise foi o número de ocorrência. Considerando que houve muitos verbos com apenas 01 ocorrência, preferimos não fazer generalizações com base na carga semântica do verbo.

A tabela 10 apresenta a atuação do marcador dubitativo em função dos verbos com uso categórico do indicativo:

Tabela 10 – Atuação do marcador dubitativo em função dos verbos com uso categórico do indicativo

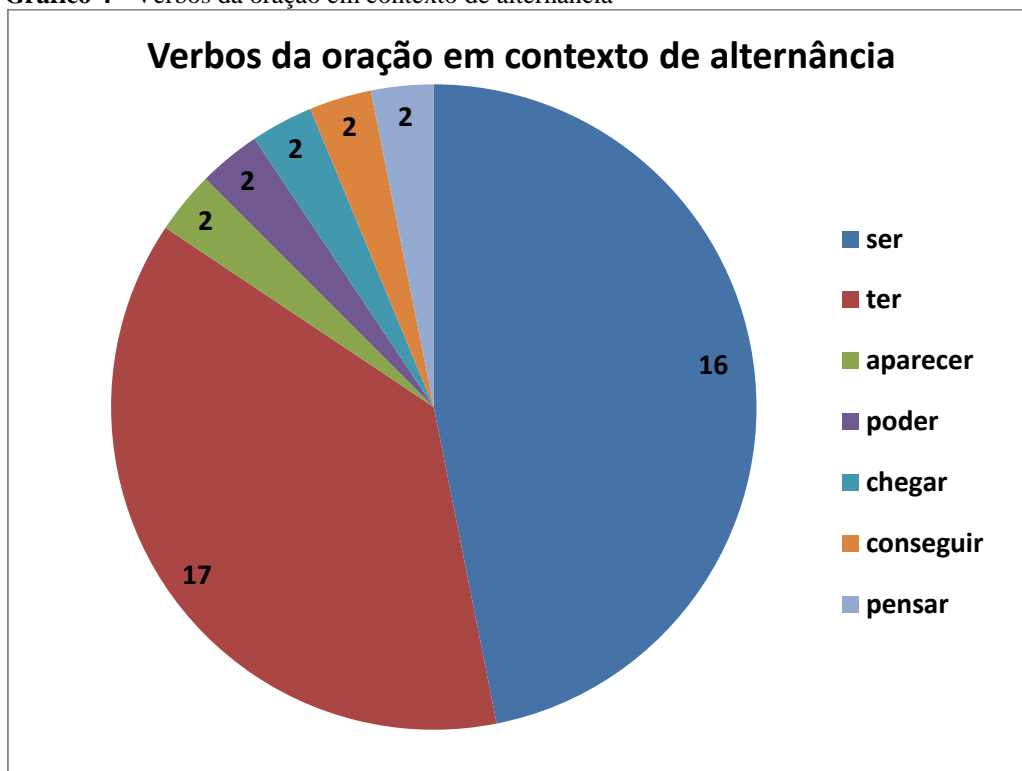
Verbo da oração	Talvez	%	Quem sabe	%
Deixar	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Continuar	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Converter	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Começar	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Acabar	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Usar	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Informar	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Resolver	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Cursar	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Viver	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Ingressar	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Querer	1/1	100%	0/1	Não ocorreu
Merecer	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Ir	0/1	Não ocorreu	1/1	100%
Dar	0/4	Não ocorreu	4/4	100%
Encontrar	0/2	Não ocorreu	2/2	100%
Total	7		13	20

Segundo os resultados da tabela 10, percebemos que os verbos *deixar*, *começar*, *acabar*, *usar*, *cursar* e *viver* foram favorecedores do item *talvez* em contextos de uso categórico do indicativo. Todos esses verbos apresentaram apenas uma ocorrência com o marcador *talvez*. Os verbos *continuar*, *converter*, *informar*, *resolver*, *ingressar*, *merecer*, *ir*, *dar* e *encontrar* ocorreram apenas com o item *quem sabe*, totalizando 13/20 ocorrências do contexto em análise.

Os verbos *dar* e *encontrar* foram os maiores favorecedores do item *quem sabe* em contexto de uso categórico do indicativo. Juntos, somaram 6/13 ocorrências com o respectivo item dubitativo. Percebemos, com base nos resultados da tabela 10 que, ao contrário dos outros dois contextos de uso, os verbos da oração com uso categórico do indicativo favoreceram o *quem sabe* em maior escala que o *talvez*.

O gráfico 4 apresenta o percentual de ocorrência dos verbos em contexto de uso em alternância.

Gráfico 4 - Verbos da oração em contexto de alternância



Como nos mostra o gráfico 4, os verbos *ter* e *ser* foram os verbos com mais ocorrências em contexto de alternância. No entanto, o verbo *ser* apresentou apenas 1 ocorrência no indicativo, enquanto o verbo *ter* apresentou 12 ocorrências no subjuntivo e 5 no indicativo. Foi o verbo que, de fato, mais favoreceu a alternância modal dentre os usos dos informantes na fala do Cariri. Os demais verbos apresentaram apenas 1 ocorrência para cada modo, totalizando 50% de uso para cada um deles.

A fim de ilustrarmos a atuação dos verbos em contextos de alternância, apresentamos 2 exemplos - um no subjuntivo e outro no indicativo, para cada um dos 7 verbos que ocorreram nesse contexto no *corpus* em análise.

Ser

(25) **Quem sabe** não **É** uma criança buscando algo lá pra comê...
(Inq 29: 9-11 – f – 27-49)

O exemplo (25) foi o único dos 16 dados com o verbo *ser* que ocorreu no modo indicativo.

(26) Essa época é assim mesmo, **talvez SEJA** o caso de sair mesmo sem ter vontade... (Inq 116 : 9-11 – f – 27-49)

Aparecer

(27) Aqui não há essa faculdade, mais **quem sabe** um dia **APARECE**.

(Inq 155: 9-11 – m – 15-26)

(28) **Quem sabe** muitos outros **APAREÇAM** aí né... (Inq 16: 1-8 – m – 15-26)

Ter

(29) **Quem sabe** lá eu **TENHO** mais uma ajuda nos estudos...

Inq 16: 1-8 – m – 15-26)

(30) **Quem sabe** um dia **TENHA** um tempo para arriscar nesse ramo...

(Inq 16: 1-8 – m – 15-26)

Curiosamente, com base nesses exemplos, percebemos que o mesmo informante usou o verbo *ter* em (29) com o indicativo, mas em (30) recorreu ao subjuntivo. Em ambos os casos, temos o traço de incerteza/dúvida, mais comum ao modo subjuntivo.

Nesse caso, é interessante observar que, no exemplo (29), a referência mais próxima do verbo e do marcador dubitativo é espacial (*lá*). Já em (30), entre o verbo e o marcador, bem como após o verbo, temos referências temporais (*um dia e tempo*).

Poder

(31) A pessoa se elege nesse partido que é muito grande, **quem sabe PODERIA** mudar alguma coisa... (Inq 188: 9-11 – f – 15-26)

(32) **Quem sabe** um dia eu **POSSA** dizer que valeu a pena morar aqui...

(Inq 113: 9-11 – f – 50-em diante)

Chegar

(33) Desenvolver a minha mentalidade, o meu estudo, ainda, um dia **quem sabe** eu não **CHEGO** lá... (Inq 17: 1-8 – m – 15-26)

(34) **Quem sabe** um dia eu **CHEGASSE** a ser uma pessoa de bem.

(Inq 17: 1-8 – m – 15-26)

Com o verbo *chegar*, mais uma vez, tivemos o mesmo informante fazendo uso das duas formas modais para expressar ideias de incerteza/dúvida em relação ao assunto abordado. Também coincidiu, nos exemplos da amostra o fato de que, no indicativo

(33), o verbo está ligado a um dêitico (*lá*), enquanto na forma subjuntiva (34), o verbo se refere à circunstância temporal “*um dia*”.

Nosso trabalho não tratará da atuação da *modalidade* no uso do subjuntivo na fala do Cariri. No entanto, vale ressaltar que Pimpão (1999) verificou em sua pesquisa que a modalidade *irrealis*, atrelada ao modo subjuntivo, apresentou um deslocamento de sua significação do modo verbal para associar-se ao traço verbo-temporal de *futuridade*.

Basicamente, é o que podemos constatar nos exemplos com os verbos *ter* e *chegar* supracitados e presentes em nossa amostra. No entanto, não é nosso intuito, neste trabalho, aprofundar essa discussão. Sugerimos, aliás, que estudos posteriores aprofundem essa discussão.

Conseguir

(35) **Quem sabe** a gente **CONSEGUE** uma ajudinha extra...
(Inq 98: 1-8 – f – 50-em diante)

(36) Hoje **talvez** a gente **CONSEGUISSSE**... (Inq 83: 9-11 – m – 27-49)

Pensar

(37) Eu realmente não sei o motivo...**quem sabe** eu **PENSO** muito nisso, né?
(Inq 167: 9-11 – f – 27-49)

(38) A maioria das pessoas **talvez PENSE** assim como eu...
(Inq 113: 9-11 – f – 50-em diante)

Diferentemente do contexto de alternância, os contextos categóricos apresentaram aproximadamente o mesmo número de ocorrências – 22 no subjuntivo e 20 no indicativo. Foi o caso dos verbos *fazer*, *falar* e *estar* no subjuntivo e *dar* no indicativo. Os três primeiros somaram 8 ocorrências (*fazer* = 2, *falar* = 2 *estar* = 4), todas no modo subjuntivo. Já o verbo *dar* teve suas 4 ocorrências no indicativo. Abaixo, trazemos exemplos da *amostra* dos 4 verbos com ocorrências categóricas:

(39) Já cometi absurdos em português, mas eu tento não cometer tanto e *quem sabe* **faça** uma pós-graduação... (Inq 180: 9-11 – m – 15-26)

(40) **Talvez** essa próxima semana eu **fale** com a prefeita sobre o outro carro pra ajudar na limpeza pública de Caririaçu... (Inq 184: 1-8 – m – 50-em diante)

(41) Deve ser uma coisa muito boa... *talvez* você **esteja** mais próxima de Deus...

Nos três exemplos acima, mesmo com verbos da oração diferentes, é possível visualizar que todos transmitem à oração uma noção de incerteza, dúvida. Em (39), tem-se a possibilidade de fazer uma pós-graduação.

Em sua pesquisa com orações substantivas, Carvalho (2007, p. 94-95) também obteve apenas duas ocorrências com verbos *dicendi* (40) e, mesmo com peso relativo baixo (0,40), esse tipo verbal também se mostrou favorecedor do modo subjuntivo.

Em (41), o verbo da oração expressa uma dúvida já antecipada pela sentença presente na oração anterior ('*deve ser...*'), também de natureza não-subordinada. A sugestão da proximidade com Deus fica no nível da hipótese, o que justifica o emprego do verbo na forma subjuntiva.

Entretanto, em nosso estudo, as ocorrências com o verbo *dar* apresentaram um comportamento diferente do encontrado por Carvalho (2007) em seus dados: no *corpus* de nosso trabalho, as ocorrências do verbo *dar* foram categóricas com o modo indicativo. Em (42) e (43), percebemos que, mesmo no indicativo, as orações transmitem ideia de incerteza/dúvida:

(42) Ter uma vida digna pra que futuramente eles possam arranjar um emprego e quem sabe até **dão** uma vida melhor pros meus pais... (Inq 165: 1-8 – f – 27-49)

(43) Quem sabe num **dava** certo pra eu ir mora lá até... (Inq 82: 1-8 – f – 27-49)

No exemplo (42), fica explicitada a relação entre a importância de se ter dignidade para arrumar um bom emprego e a ideia de que isso pode possibilitar, futuramente, a melhoria das condições de vida dos pais do enunciador.

Já em (43), o verbo demarca a vontade do enunciador de que a possibilidade de mudar de endereço se concretize.

A seguir vamos tecer algumas considerações a respeito dos verbos *ser* e *ter*, que se mostraram mais favorecedores do subjuntivo.

Com base nos dados das tabelas e gráficos anteriores, é possível verificar que o verbo *ser* foi o mais recorrente (94%), no *corpus* em análise, no uso do modo subjuntivo, com 16 ocorrências (15 no subjuntivo e 1 no indicativo). Na forma subjuntiva *seja*, conforme ilustram os exemplos (44) e (45), o verbo carrega em sua carga semântica ora teor de *volição* (desejo/vontade), ora grau de *opinião* (avaliação), o que justifica, portanto, o significativo favorecimento do modo subjuntivo.

(44) Voltar a estudar e *quem sabe* eu **seja** alguém na vida né? (Inq 16: 1-8 – m – 15-26)

(45) *Quem sabe* um dia ele **seja** alguém e ajuda a melhorar a nossa comunidade.
(Inq 149: 1-8 – f – 15-26)

Como o verbo *ser* foi o mais efetivo na ocorrência do modo subjuntivo tanto no presente como no pretérito, também achamos importante ilustrar o comportamento desse verbo nesses dois contextos:

(46) a primera fase *talvez* **seja** no nível do vestibular de agora...

(Inq 77: 9-11 – m – 15-26)

(47) *talvez* **fosse** melhor eles analisarem mais as coisas...

(Inq 84: 1-8 – m – 27-49)

Já Carvalho (2007) também concluiu que ambos os tempos verbais são relevantes na análise da alternância modal em orações substantivas, refutando a hipótese de que o tempo verbal condicionaria o modo verbal da oração encaixada.

O verbo *ter*, ilustrado pelo exemplo (48), também se mostrou produtivo, na amostra em análise, quanto ao favorecimento do uso do subjuntivo. Apresentou o segundo maior número de ocorrências (11).

(48) *quem sabe* um dia **tenha** um tempo para arriscar nesse ramo...

(Inq 16: 1-8 – m – 15-26)

A tabela 11 apresenta a atuação do marcador dubitativo em função dos verbos com uso em contexto de alternância:

Tabela 11 – Atuação do marcador dubitativo em função dos verbos em contexto de alternância fala do Cariri

Verbos	Subjuntivo		Indicativo		Total
	Talvez	Quem sabe	Talvez	Quem sabe	
Ser	11/15	4/15	0/1	1/1	16
Aparecer	0/1	1/1	0/1	1/1	2
Ter	10/12	2/12	2/5	3/5	17
Poder	0/3	1/3	0/3	2/3	3
Chegar	0/2	1/2	0/2	1/2	2
Conseguir	1/2	0/2	0/2	1/2	2
Pensar	1/2	0/2	0/2	1/2	2
Total	23	9	2	10	44

Conforme a tabela 11, verificamos que os verbos *ser* e *ter* foram os mais favorecedores do marcador dubitativo *talvez* na fala do Cariri. Além disso, das 33 ocorrências desses verbos em contextos de alternância (16/*ser* – 17/*ter*), 21 favoreceram o uso do modo subjuntivo. Os verbos *aparecer*, *poder* e *chegar* foram favorecedores do item dubitativo *quem sabe*, tanto no subjuntivo como no indicativo. O verbo *poder* mostrou-se mais favorecedor, com 2 das 3 ocorrências em contexto de alternância, do modo indicativo em construções verbais com o item *quem sabe*. Os verbos *conseguir* e *pensar* tiveram a mesma atuação no contexto em análise: cada um apresentou 2 ocorrências, 1 delas com *talvez* no subjuntivo, outra com *quem sabe* no indicativo.

Assim, concluímos que, além de haver um favorecimento do item *talvez* em contextos de alternância, esse marcador é também favorecedor do modo subjuntivo com verbos nesse contexto, com 23/25 ocorrências. O marcador dubitativo *quem sabe* apresentou favorecimento muito semelhante para o subjuntivo e para o indicativo com verbos em contexto de alternância, com 9 ocorrências com o primeiro e 10 com o segundo.

A tabela 12 ilustra a atuação dos itens dubitativos *talvez* e *quem sabe* em função do contexto de uso em que ocorreram.

Tabela 12 – Atuação do marcador dubitativo em função do contexto de ocorrência

Nº de ocorrência de acordo com o contexto	Talvez	%	Quem sabe	%
Subjuntivo	16/22	73%	6/22	27%
Indicativo	7/20	35%	13/20	65%
Alternância	25/44	57%	19/44	43%
Total	48/86	56%	38/86	44%

Conforme a tabela 12, o item *talvez* apresentou significativo favorecimento dos contextos de uso categórico do subjuntivo e contextos de uso em alternância, com 73% e 57% das ocorrências, respectivamente. Além disso, em contextos de alternância, o *talvez* também favoreceu o uso dos verbos da oração no modo subjuntivo, com 23/25 ocorrências, o equivalente a 92% do total de ocorrências analisadas nesse contexto. Complementar a esse resultado, obtivemos, no *corpus* em análise, um maior favorecimento do item dubitativo *quem sabe* com verbos em contexto de uso categórico do indicativo.

Em contextos de alternância, não houve muita discrepância no favorecimento dos dois modos verbais: foram 9 ocorrências em construções com *quem sabe* associadas ao modo subjuntivo e 10 com o modo indicativo. Em suma, quanto ao uso dos

marcadores dubitativos em função do contexto de uso dos verbos da oração, concluímos que, em contexto de uso categórico do subjuntivo, prevalece, na fala do Cariri, o favorecimento do *talvez*, enquanto em contextos de uso categórico do indicativo o *quem sabe* é a forma mais recorrente. Em contextos de alternância, há um favorecimento maior do *talvez* em relação ao *quem sabe*, assim como, em construções com *talvez*, o modo subjuntivo é o mais recorrente na fala do Cariri cearense.

Ao obter esses dados, o primeiro questionamento foi se os dados relativos aos verbos da oração de acordo com o contexto de uso seriam equivalentes aos dados por número de ocorrências em cada um dos três contextos de análise.

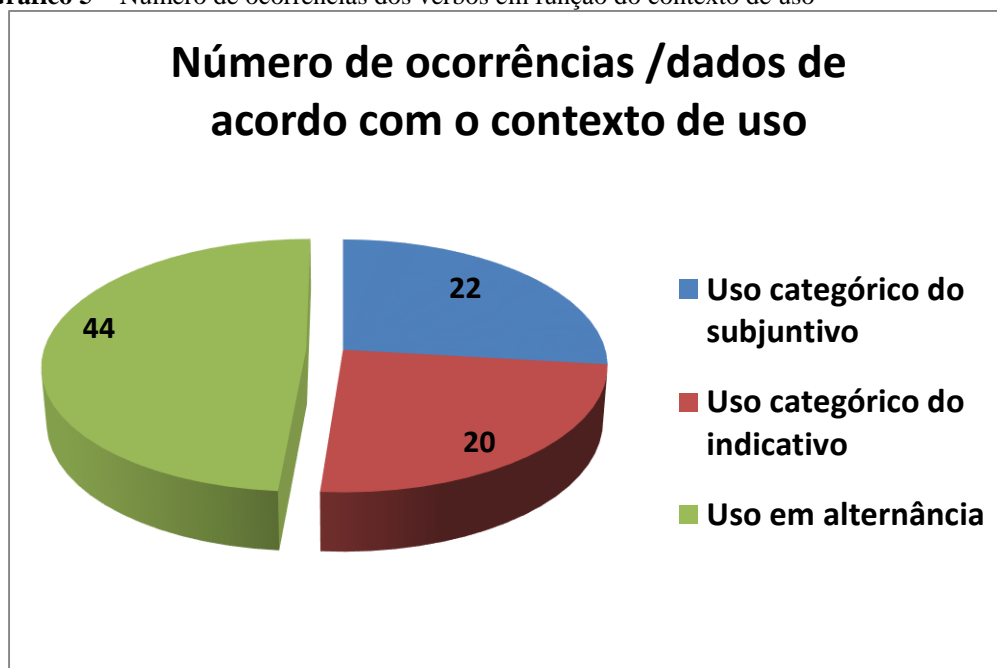
A seguir, a tabela 13, bem como o gráfico 6, nos respondem tal questionamento.

Tabela 13– Número de verbos e respectivas ocorrências em função do contexto de uso

Contexto de uso	Número de verbos	Número de ocorrências
Categórico de subjuntivo	16	22
Categórico de indicativo	16	20
Contexto de alternância	7	44
Total	39	86

Com a tabela 13, ao averiguarmos o número de ocorrências de acordo com o contexto de uso, esses números apontam para resultados diferentes dos encontrados no gráfico 1. O gráfico 6 ilustra a distribuição dos dados (ocorrências) em função do contexto de uso dos verbos da oração:

Gráfico 5 – Número de ocorrências dos verbos em função do contexto de uso



Como vimos, o gráfico 5, ancorado nos dados da tabela 13, nos mostra uma inversão numérica em relação aos dados obtidos no gráfico 1: quanto ao número de verbos da *amostra*, o contexto de alternância foi o menos recorrente, com apenas 7 verbos em todo o corpus. No entanto, o contexto de alternância foi o maior favorecedor em número de ocorrências na *amostra* do que os contextos de uso categóricos. Se somarmos o *número de ocorrências* dos dois contextos categóricos (22 do subjuntivo + 20 do indicativo = 42 ocorrências), ainda terão 2 ocorrências a menos que o contexto de alternância (44 ocorrências).

O que se manteve em equilíbrio, tanto na análise por número de verbos como pela que considerou o número de ocorrências em contextos de uso, foram os percentuais/valores numéricos relativos aos contextos categóricos: ambos os contextos ocorreram com 16 verbos, e a diferença numérica de ocorrência entre eles foi de apenas 2 dados.

Concluimos, ainda com base nos gráficos acima, que, do total de 86 ocorrências da amostra, 7 verbos (*ser, ter, aparecer, poder, chegar, conseguir, pensar*) apresentaram 44 ocorrências em contexto de alternância modal. Ou seja, mesmo com poucos verbos, houve um número significativo de ocorrências em orações independentes que favoreceram a alternância dos modos subjuntivo e indicativo na fala do Cariri: das 44 ocorrências, 32 foram no subjuntivo, o que corresponde a 73% desse total.

Somando-se as 32 ocorrências em contexto de alternância com as 22 ocorrências referentes ao uso categórico do subjuntivo, obtemos um total de 54 ocorrências com o modo subjuntivo, totalizando, 63% (e, conseqüentemente, 37% para o indicativo) do total analisado no *corpus*. Isso nos remete, sob mais um ângulo de análise, à constatação de que o modo subjuntivo é, de fato, favorecido na fala do Cariri.

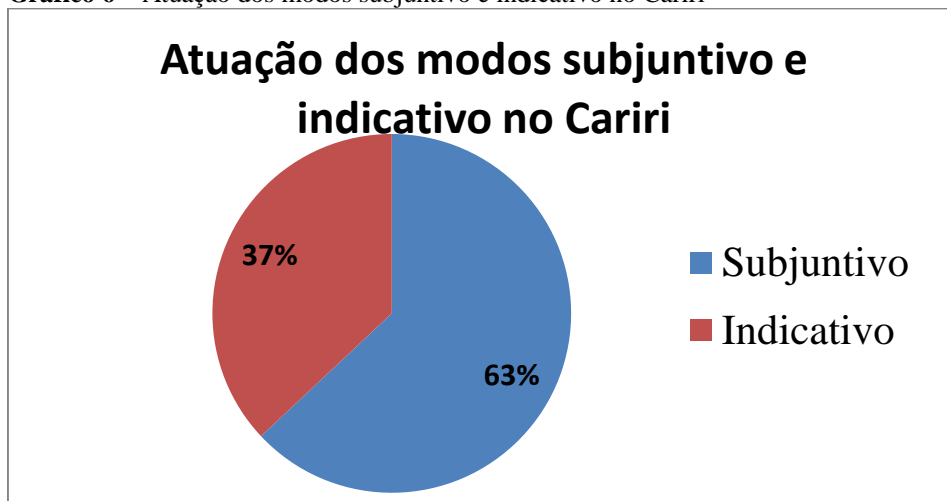
A tabela 14 apresenta o percentual de uso e a distribuição das ocorrências com os modos subjuntivo e indicativo na fala do Cariri:

Tabela 14 – Atuação dos modos subjuntivo e indicativo no Cariri

Modo	Ocorrências	%
Subjuntivo	54	63%
Indicativo	32	37%
Total	86	

O gráfico 6, assim como a tabela 13, ilustra a atuação dos modos subjuntivo e indicativo na fala do Cariri cearense.

Gráfico 6 – Atuação dos modos subjuntivo e indicativo no Cariri



Conforme os resultados apresentados na tabela acima, vimos que o subjuntivo, em orações independentes, é o modo mais favorecido pelos falantes do Cariri. Das 86 ocorrências da *amostra*, 63% foram no modo subjuntivo. Ressaltamos que o escopo do uso do subjuntivo mostrou-se limitado à frequência de determinados verbos da oração (ser, ter, estar), e não como uma forma de uso geral na língua.

Verificamos, com base na discussão apresentada nesta seção, como as variáveis linguísticas analisadas favoreceram ou restringiram o uso do modo subjuntivo em orações independentes na fala do Cariri cearense. Dentre os resultados, destacamos a atuação:

- a) *do padrão morfofonológico do verbo* que se mostrou favorecedor do subjuntivo principalmente com as formas anômalas, bem como apresentou um favorecimento mais discreto com as formas irregulares;
- b) *do marcador dubitativo* que revelou o item *talvez* como favorecedor do modo subjuntivo tanto em contextos de alternância como em contextos em que o subjuntivo tem uso categórico; o item *quem sabe*, em contraponto, inibiu a atuação do subjuntivo na fala do Cariri e favoreceu, conseqüentemente, os usos em que o modo indicativo foi categórico;

- c) *do tempo verbal* que, assim como a variável anterior, mostrou-se favorecedor do modo subjuntivo tanto em contextos com uso categórico como em contextos de alternância;
- d) *do verbo da oração* que revelou os verbos *ser*, *ter* e *estar* como os mais favorecedores do modo subjuntivo na fala do Cariri cearense. Além disso, essa variável apresentou um dado significativo para os estudos de cunho variacionista sobre flutuação modal: os verbos usados em contexto de alternância, mesmo em menor número (7), apresentaram um número de ocorrências superior aos dos contextos com uso categórico. Isso ocorreu em nosso *corpus* por conta da elevada quantidade de verbos com apenas 1 ocorrência, o que dificultou agrupá-los pela carga semântica, fazendo com que analisássemos a atuação de cada verbo individualmente, de acordo com o contexto em que foram empregados na amostra analisada. Com essa variável, o modo subjuntivo foi favorecido em contextos de uso categórico do subjuntivo e em contextos de alternância.

Contrariando a dicotomização entre os modos subjuntivo e indicativo utilizada pela tradição gramatical, nosso trabalho revela, por meio dos resultados obtidos com todas as variáveis supracitadas, que, quando verificada sob a atuação de variáveis em contextos reais de uso, com usos que fazem parte de uma comunidade de fala, a atuação dos modos verbais sofre a influência das pressões do uso, o que permite investigar o fenômeno de alternância, bem como qualquer outro fenômeno linguístico, seja de natureza semântica, sintática ou morfológica, sob o ponto de vista da variação e da mudança, conforme nos propusemos ao longo dessa pesquisa.

Nossa pesquisa propõe, portanto, que os trabalhos posteriores a respeito do fenômeno variacionista da alternância modal superem a ótica reducionista que aponta o subjuntivo como modo da dúvida e o indicativo como o modo da certeza. É preciso aprofundar a discussão em torno desse tipo de fenômeno e analisar/discutir, criteriosamente, a influência que cada variável, seja linguística ou social, tem para que esse ele ocorra em dada comunidade de fala.

A seguir, trataremos dos resultados referentes às variáveis sociais.

5.2 Atuação dos grupos de fatores sociais

Além dos grupos de fatores linguísticos acima analisados, também controlamos três variáveis sociais clássicas: *gênero/sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*. Dentre os grupos de fatores mencionados, apenas o primeiro (*gênero/sexo*) foi selecionado pelo GOLDVARB X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005, 2012). Os valores de peso relativo das variáveis sociais não selecionadas pelo programa estatístico foram gerados pela rodada 22.

A seção a seguir traz os resultados da análise de atuação da variável *gênero/sexo* no uso do subjuntivo.

5.2.1 Gênero/sexo

Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006) ratificam a importância do estudo dos grupos de fatores externos para a compreensão de fenômenos variáveis, bem como postulam que, em alguns casos, esses grupos de fatores podem ser os responsáveis pelos processos de variação e mudança linguísticas.

Nessa mesma direção, Labov (1990; 2001; 2008) tem avaliado o importante papel da variável estilística que, em correlação com o sexo do falante, tem ampliado as discussões em torno do conceito de gênero, tanto na perspectiva social como no âmbito cultural.

No Brasil, os estudos sociolinguísticos mais recentes (SILVA; PAIVA, 1996; PAIVA, 2003; SCHERRE, 2011) estão ancorados no consenso de que é preciso ter cuidado com o tratamento da variável *gênero/sexo*, por ser ainda ponto de discussão e divergências na literatura.

Para Paiva (2003), as diversas transformações que ocorrem na sociedade contemporânea e a consequente reorganização na definição dos papéis de gênero exigem dos pesquisadores uma maior cautela na busca de explicações acerca da variável *gênero/sexo*.

Segundo a autora, o tratamento dessa variável não pode estar descontextualizado da complexa rede de relações sociais e da multiplicidade de papéis a que os sujeitos da atualidade estão submetidos.

Para Labov (2001), conforme o tipo da mudança, o efeito da variável gênero pode representar diferentes comportamentos. O comportamento das mulheres, por exemplo, é divergente, tendo em vista que ora são conservadoras, ora são inovadoras.

Labov (2001: 293) reconhece o *Paradoxo do Gênero* e postula, inicialmente, que “as mulheres se conformam mais fortemente do que os homens às normas sociolinguísticas que são explicitamente prescritas, mas se conformam menos do que os homens quando as normas não são explicitamente prescritas”.

Com o intuito de resolver essa divergência, o autor realizou profundas análises acerca do papel do gênero na variação e na mudança linguística e chegou à conclusão de que o que faz das mulheres figuras atuantes em processos de mudança linguística é o seu comportamento, não o gênero.

Isso se deu após Labov (2001) considerar que o *Paradoxo do Gênero* poderia ser reformulado, por ser melhor entendido em função do comportamento conformista e não conformista das mulheres com o uso de variantes de prestígio ou o incremento de variantes inovadoras.

Desse modo, Labov (2001:367) postula o *Paradoxo da Conformidade*, estabelecido em função do contrário da conformidade, o *desvio (deviation)*. Nas palavras do autor, as “mulheres desviam das normas prescritas menos do que os homens, porém desviam mais do que os homens quando os desvios não são prescritos”.

Com esse olhar, Labov (2001) redimensiona as análises em torno dos papéis de gênero, principalmente o papel das mulheres nos processos de variação e mudança linguísticas, e direciona seus estudos para uma linha argumentativa menos biológica e mais cultural.

Para o autor, essa perspectiva indica que “a mudança linguística tem de ser interpretada como não conformidade às normas estabelecidas, tendo em vista que as pessoas rejeitam as mudanças na estrutura linguística quando tomam consciência delas”.

Diversos trabalhos sobre alternância apontam para uma instabilidade entre a atuação dos grupos de fatores sociais e o fenômeno em estudo. Ora o fenômeno não se mostra sensível aos grupos de fatores sociais sob controle, ora não apresenta uma direção clara quanto aos resultados.

Com a variável *gênero/sexo*, essa instabilidade é bem demarcada em estudos variacionistas sobre alternância modal: Pimpão (1999) e Carvalho (2007) encontraram em seus estudos o sexo masculino como contexto favorável ao uso do subjuntivo. Já nos trabalhos de Rocha (1997), Domingos (2004) e Fagundes (2007), a variável *gênero/sexo* não foi selecionada estatisticamente como significativa para o fenômeno de alternância modal, devido ao equilíbrio entre os valores de aplicação da regra para o uso do subjuntivo entre homens e mulheres, nas respectivas comunidades de fala analisadas.

Assim, primeiramente, optamos por ilustrar a atuação da variável *gênero/sexo* na fala do Cariri em função do modo verbal, conforme a tabela 15:

Tabela 15 – Atuação do gênero/sexo na fala do Cariri

<i>Gênero/sexo</i>	<i>Subj. /Total</i>	<i>%</i>	<i>Ind./Total</i>	<i>%</i>
Masculino	32 / 43	74 %	11/43	26%
Feminino	22 / 40	55 %	18/40	45%
Total	54 / 83	65 %	29 / 83	35%

Segundo a tabela 15, percebemos que a variável *gênero/sexo* mostra-se mais favorável ao uso do subjuntivo que o modo indicativo na fala do Cariri: os resultados apontam para uma distribuição do uso do modo subjuntivo bem superior a do indicativo na fala de ambos os *gêneros/sexos*.

É possível notar que, entre os homens, o percentual de ocorrências entre os modos se dá numa proporção de 3x1: a cada ocorrência no indicativo, temos outras três para o subjuntivo. Já entre as mulheres essa diferença entre os modos não se mostra tão acentuada, segundo percentuais ilustrados na tabela. Inclusive podemos perceber que, no Cariri, as mulheres são mais favorecedoras do modo indicativo que os homens.

Já na tabela 16, apresentamos os resultados da atuação da variável *gênero/sexo* no uso do subjuntivo na fala do Cariri:

Tabela 16 – Atuação do gênero/sexo no uso do subjuntivo na fala do Cariri

<i>Gênero/sexo</i>	<i>Subjuntivo / total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
Masculino	32 / 43	74 %	0,66
Feminino	22 / 40	55 %	0,33
Total	54 / 83	65 %	

(Input 0.793)

Como podemos observar, os resultados da tabela 16 indicam o *gênero/sexo* masculino como favorecedor do uso do subjuntivo em orações independentes, com 74% de aplicação da regra. Esse resultado complementa o dado que apresentamos mais acima, quando constatamos que, no Cariri, as mulheres são mais favorecedoras do modo indicativo com orações independentes.

Carvalho (2007) obteve resultados diferentes com a variável *gênero/sexo*: na rodada com todos os contextos, houve equivalência entre os *gêneros/sexos*. Já nos contextos em que houve alternância, os homens foram mais favorecedores do modo subjuntivo que as mulheres.

Os estudos de Domingos (2004) e Fagundes (2007) também não encontraram disparidade relevante entre os sexos no uso do modo subjuntivo, o que lhes permitiu concluir que o gênero/sexo do informante não foi um fator determinante para a escolha dos modos verbais nem para a alternância entre eles.

Nesse trabalho, constatamos que, na região do Cariri os homens usam a forma de prestígio com mais frequência que as mulheres.

Para Scherre (2011), a questão do prestígio é apenas um dos aspectos da noção de marcação. Segundo a autora, esse princípio é muito importante e ajuda a ampliar o entendimento do papel gênero nos fenômenos de variação.

Scherre (2011) ainda acrescenta que o papel do *gênero/sexo* em fenômenos linguísticos variáveis deve ser estudado e entendido em função da noção de marcação. Para isso, a autora sugere que tal princípio deve fazer parte das reflexões sobre variação e mudança, na busca do entendimento mais integrado da variável gênero.

Na busca por generalizações subjacentes ao efeito do gênero na variação e na mudança linguística, Scherre (2011) analisou três fenômenos de alternância (pronominal com tu/você, verbal com imperativo associado ao indicativo e concordância verbal variável de terceira pessoa), nas 5 regiões do Brasil, e obteve como respostas que:

- a) *em configurações menos marcadas – e não necessariamente mais prestigiadas – as mulheres estão à frente na variação ou mudança;*
- b) *em configurações mais marcadas – e não necessariamente menos prestigiadas – os homens estão à frente na variação ou mudança;*

Além disso, a autora verificou, depois desse mapeamento de fenômenos de variáveis em todas as regiões do país, que a relevância da atuação da variável *gênero/sexo* exige o estabelecimento de uma agenda de trabalhos a fim de alavancar os estudos em busca de uma melhor compreensão dessa variável gênero em fenômenos que envolvem processos de variação e mudança.

Em nosso estudo, percebemos que a variável *gênero/sexo* atuou de maneira diferente dos resultados encontrados por Scherre (2011): na fala do Cariri, os homens foram favorecedores do subjuntivo, estando, portanto, à frente no processo de variação, enquanto as mulheres favoreceram o uso do indicativo na fala da região do Cariri cearense.

Além de enriquecerem a análise dos dados, ampliando o foco para a dimensão social do fenômeno em variação, julgamos válida a apresentação dos resultados com os grupos de fatores *faixa etária* (tabela 8) e *escolaridade* (tabela 9), bem como alguns cruzamentos entre os grupos de fatores de natureza social, à medida que colaboram para a melhor compreensão da atuação dos demais grupos de fatores (internos), o que, conseqüentemente, contribui para a investigação do fenômeno analisado nesse trabalho.

Na tabela 17, temos a atuação da variável escolaridade em função do gênero/sexo no uso do subjuntivo na fala do Cariri:

Tabela 17 – Atuação da escolaridade em função do gênero/sexo no uso do subjuntivo na fala do Cariri

<i>Escolaridade</i>	Masculino		Feminino		Total	
	<i>Subj./total</i>	%	<i>Subj./total</i>	%	<i>Subj./total</i>	%
0-8	18/25	72%	10/21	48%	28/46	61%
9-11	14/18	78%	12/19	63%	26/37	70%
total	32/43	74%	22/40	55%	54/83	65%

O subjuntivo, conforme a tradição normativa, é uma forma mais complexa estruturalmente e, teoricamente, empregada com mais frequência por falantes que tiveram acesso à educação formal. No entanto, nos dados do *corpus* em análise, essa hipótese só foi confirmada com *gênero/sexo* feminino, que apresentou apenas 48% das ocorrências com mulheres entre 0-8 anos de escolaridade e 63% com mulheres com mais escolaridade (9-11).

Os resultados acima nos mostram que há um favorecimento equivalente no uso do subjuntivo por homens com baixa e com alta escolaridade, o que nos permite, nesse caso, refutar a hipótese de que, quanto maior a escolaridade, maior o favorecimento da forma de prestígio. No Cariri, homens com baixa escolaridade também são favorecedores da forma de prestígio (conservadora) em orações independentes.

A tabela 18 ilustra a atuação da *faixa etária* em função do *gênero/sexo* no uso do subjuntivo na fala do Cariri:

Tabela 18 – Atuação da faixa etária em função do gênero/sexo no uso do subjuntivo na fala do Cariri

<i>Faixa etária</i>	Masculino		Feminino		Total	
	<i>Subj./total</i>	%	<i>Subj./total</i>	%	<i>Subj./total</i>	%
15-26	11/17	65%	5/12	42%	16/29	55%
27-49	14/19	74%	10/19	53%	24/38	63%
50- em diante	7/7	100%	7/9	78%	14/16	88%
Total	32/43	74%	22/40	55%	54/83	65%

Conforme os resultados da tabela acima, é possível verificar que, no Cariri, homens são mais favorecedores que as mulheres no uso do subjuntivo em todas as faixas etárias. A faixa etária 50-em diante foi a mais produtiva para o uso do subjuntivo (88%), tanto para homens, com uso categórico, como para mulheres, com 78% das ocorrências. A seguir, trataremos dos resultados referentes à variável faixa etária.

5.2.2 Faixa etária

Em nosso trabalho, a variável *faixa etária* não foi selecionada pelo GOLDVARB X. No entanto, a análise dessa variável social tem contribuído para os estudos envolvendo fenômenos de variação e mudança e, com isso, mantivemos os resultados obtidos com esse grupo, a fim de verificarmos sua atuação em nossa *amostra*.

Para Tarallo (2004), faz-se necessário considerar a análise dessa variável, porque, através dela, podemos investigar se o fenômeno em tela encontra-se em processo de mudança ou em estado de variação. É preciso, ainda, em estudos que investigam a ocorrência desses dois direcionamentos, verificar se a correlação entre a variável *faixa etária* e a *variável linguística* em análise remete, de fato, a uma mudança/variação ou apenas indica diferenças etárias.

Na tabela 19, temos a atuação da variável faixa etária no uso do subjuntivo na fala do Cariri:

Tabela 19 – Atuação da faixa etária no uso do subjuntivo na fala do Cariri

<i>Faixa etária</i>	<i>subjuntivo / total</i>	<i>%</i>	<i>peso relativo</i>
15-26	16 / 29	55 %	(0,52)
27-49	24 / 38	63 %	(0,35)
50-emdiante	14 / 16	87 %	(0,78)
Total	54 / 83	65 %	

Na tabela 19, percebemos que a faixa etária com maior favorecimento no uso do subjuntivo foi a dos falantes com 50 ou mais anos de idade, com peso relativo de 0,78. Já a faixa intermediária se mostrou inibidora do modo subjuntivo, com baixo peso relativo 0,35. A faixa etária dos falantes mais jovens (15-26), mesmo de maneira discreta, também se mostrou favorecedora do subjuntivo, com peso relativo de 0,52.

Esses resultados confirmaram, em parte, nossa hipótese de que, quanto maior a idade do falante, mais recorrente o uso da forma de prestígio e menos frequente a ocorrência da variação.

Nos dados de Carvalho (2007), a concentração do uso do subjuntivo em orações substantivas também apresentou maior favorecimento com os falantes com mais de 50 anos, considerados mais conservadores.

5.2.3 Escolaridade

Ao contrário das pesquisas de Carvalho (2007) e Barbosa (2013), a variável escolaridade não foi selecionada pelo programa estatístico utilizado em nossa pesquisa.

No entanto, decidimos abordá-la na análise por julgarmos que a descrição dos grupos de fatores extralinguísticos, mesmo quando não atuam de maneira tão relevante para o favorecimento do fenômeno, são de suma importância para a compreensão de qualquer fenômeno linguístico, mais ainda os de natureza variacionista.

Há, na literatura dos estudos sociolinguísticos envolvendo a atuação dos grupos de fatores sociais (ou extralinguísticos), certo consenso sobre a hipótese de que o uso da forma subjuntiva está diretamente relacionado ao grau de escolaridade no sentido de que quanto maior o acesso ao ensino formal, maior o uso/prestígio da forma subjuntiva. Consequentemente, quanto menor o acesso, menor o uso.

Entretanto, os resultados de Carvalho (2007, 128-130) refutam essa hipótese: no estudo com orações substantivas na região do Cariri cearense, a autora encontrou nos dados dos falantes sem escolarização um peso relativo superior (0.76) ao dos falantes com escolaridade intermediária (0.64), bem como ao dos falantes de nível superior (0.52).

Com os respectivos resultados, a autora decidiu refinar a análise e verificar a atuação da variável faixa etária em contextos prototípicos de ambas as formas: indicativas e subjuntivas. Como resultado, Carvalho (2007, 128-130) constatou que, independentemente dos contextos de uso, os resultados não sofreram alterações significativas quanto ao favorecimento do subjuntivo.

Já Barbosa (2013), ao analisar a alternância entre formas indicativas e subjuntivas na fala de Vitória/ES, teve a hipótese da proporção entre escolaridade e uso da forma de prestígio corroborada pelos resultados: falantes de nível superior apresentaram um peso relativo também superior (0.64) aos falantes com nível intermediário (0.56) e com nível fundamental (0.23).

Nosso trabalho avaliou o comportamento da variável *escolaridade* com apenas duas subdivisões: falantes com 0-8 anos 9-11anos de escolaridade, diferente das pesquisas citadas que trabalharam com 5 e 3 níveis, respectivamente.

Ressaltamos que a estratificação de 0–8 anos de escolaridade é bastante ampla e pode, enfim, deixar de captar/flagrar o que acontece entre os falantes de 0-4 e 5-8 anos de escolaridade.

Por fim, assumimos e trabalhamos com essa possibilidade, por conta do entrave metodológico de uniformizar as células segundo o princípio da *ortogonalidade*, mencionado anteriormente na subseção (3.2) do capítulo referente aos procedimentos metodológicos.

Na tabela 20, apresentamos a atuação da variável escolaridade no uso do subjuntivo em orações independentes no Cariri:

Tabela 20 – Atuação da escolaridade no uso do subjuntivo na fala do Cariri

<i>Escolaridade</i>	<i>Subjuntivo / total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
0-8	28 / 46	61 %	(0,53)
9-11	26 / 37	70 %	(0,45)
Total	54 / 83	65 %	

Como podemos perceber, em nossa pesquisa, os falantes com menor escolarização, embora timidamente, foram favorecedores do modo subjuntivo, com peso relativo de 0,52. Os falantes mais escolarizados inibiram, no Cariri, o uso do modo subjuntivo em orações independentes, com peso relativo de 0,45.

Portanto, nosso estudo apresentou resultados diferenciados da literatura em geral, como o de Barbosa (2013), que sugere o favorecimento do subjuntivo proporcionalmente ao aumento do nível de escolaridade, e próximos dos obtidos por Carvalho (2007), que também detectou uma inversão dessa hipótese nos dados de sua pesquisa.

Nossos resultados indicam, então, que na fala do Cariri o favorecimento do subjuntivo tem atuações semelhantes com ambas as possibilidades, o que ratifica a instabilidade em torno da análise com variáveis sociais e pode, consequentemente, justificar a não seleção dessa variável pelo programa estatístico como fator efetivo para o fenômeno de alternância modal.

A fim de entender tamanha discrepância entre os estudos realizados no Nordeste acerca do uso de formas subjuntivas, Oliveira (2007) realizou um estudo sócio-histórico, levantando questões quanto à colonização e comparando as realidades do Nordeste e do Sudeste, mais especificamente, bem como a questão do contato com outras comunidades de fala. A autora concluiu que a região Nordeste manteve a

preferência por usos do português europeu, o que, de fato, justifica a produtividade do modo subjuntivo nos estudos linguísticos da região. Já no Sudeste, o contato efetivo com outras comunidades de fala interferiu diretamente na predileção do subjuntivo como forma de prestígio, fazendo com que o português europeu tenha sofrido mais com o efeito dessas influências na região e que o indicativo ocorra com mais frequência.

Feita a análise de todos os grupos de fatores sociais e de seus respectivos entrecruzamentos, podemos verificar que apenas a variável *gênero/sexo* se mostrou relevante no favorecimento do uso do subjuntivo em orações independentes na fala do Cariri.

Tanto na comparação de uso entre os dois modos (cf. tabela 7) como no uso do modo subjuntivo como aplicação de regra (cf. tabela 8), os resultados nos mostram que, na região do Cariri, os homens são mais favorecedores que as mulheres no uso do subjuntivo, com 75% de aplicação para o primeiro caso e 0,66 de peso relativo para o segundo.

A análise da variável *gênero/sexo* também nos permitiu verificar que os percentuais de uso do modo subjuntivo são bem superiores aos de uso do modo indicativo com orações independentes: isso corrobora a hipótese de que a comunidade de fala do Cariri cearense preserva o uso do modo subjuntivo.

Associado ao fator social *escolaridade*, a variável *gênero/sexo* também nos oferece resultados significativos: com alta escolaridade (9-11 anos), homens e mulheres se mostraram favorecedores do subjuntivo, mas, ao contrário do que a literatura variacionista sugere, no Cariri, a baixa escolaridade, principalmente entre os homens (72% das ocorrências) também foi fator favorecedor do uso do subjuntivo.

Já com a variável *faixa etária*, foi possível verificar que homens de todas as faixas etárias favoreceram o uso do subjuntivo na fala do Cariri, com destaque para a terceira faixa (50 anos em diante) que, mantendo a linha da literatura sobre fenômenos de alternância, foi a mais conservadora, com uso categórico do subjuntivo.

As mulheres da região do Cariri foram favorecedoras do modo subjuntivo na faixa intermediária (27-49 anos), com 53% das ocorrências e na terceira faixa (50 anos em diante), com 78% das ocorrências.

CONCLUSÕES

Neste trabalho nos propomos investigar, à luz da Sociolinguística Variacionista (ou Quantitativa), o fenômeno de alternância entre os modos subjuntivo e indicativo na fala do Cariri cearense.

Na busca pela sistematicidade do processo de variação que envolve o fenômeno em estudo, buscamos descrevê-lo com base na atuação de variáveis linguísticas e sociais, bem como situá-lo, por meio da comparação dos resultados obtidos em outras comunidades de fala, dentre os estudos variacionistas sobre flutuação modal.

Partimos para análise e discussão dos dados e obtivemos resultados que, em grande parte, corroboraram nossas hipóteses. Em meio a isso, vamos apresentá-los, nessa seção, de modo mais geral em função de termos refinado algumas etapas de nossa seção de análise.

Dessa forma, constatamos que o subjuntivo é favorecido na região do Cariri, assim como em outros estudos variacionistas que estudaram a região Nordeste (CARVALHO, 2007; BARBOSA 2013); as variáveis sociais não são favorecedoras do fenômeno de alternância subjuntivo/indicativo na comunidade de fala por nós analisada, o que justifica o fato de apenas a variável *gênero/sexo* ter sido selecionada estatisticamente; homens, em todas as faixas etárias, são mais favorecedores que as mulheres, no Cariri cearense, do uso do subjuntivo; assim como os resultados referentes ao uso do subjuntivo pela terceira faixa etária (50 anos em diante) foram superiores aos da faixa intermediária (27-49 anos) e da primeira faixa etária (15-26 anos); já com o grupo de fatores *escolaridade*, os resultados apontaram para uma diferença em relação aos estudos variacionistas anteriores: homens de baixa escolaridade também apresentaram elevado percentual no uso do subjuntivo na fala do Cariri.

Quanto aos resultados dos grupos de fatores linguísticos, como esperávamos, todos – *padrão morfofonológico do verbo, marcador dubitativo, tempo verbal e verbo da oração* - foram fortes favorecedores do modo subjuntivo na fala do Cariri cearense com orações independentes.

Com o grupo de fatores *padrão morfofonológico*, verificamos que, além das formas irregulares, as formas anômalas favoreceram em larga escala o uso do modo subjuntivo. Isso se deve ao fato de que tais formas também carregam, estruturalmente, uma forte carga de irregularidade.

No que diz respeito ao cruzamento entre as variáveis *padrão morfofonológico* e *tempo verbal*, obtivemos como resultado o favorecimento de formas irregulares e anômalas tanto no presente como no pretérito imperfeito. Com a distribuição das formas anômalas, inclusive, o pretérito imperfeito foi categórico. Nesse caso, podemos concluir que, independente do tempo verbal, quanto mais irregular a forma verbal, maior o favorecimento do subjuntivo.

Com a variável *marcador dubitativo*, o uso do advérbio *talvez* foi notadamente favorecedor do modo subjuntivo, com peso relativo 3 vezes maior na aplicação da regra em relação ao marcador *quem sabe*. Esse resultado se alinha ao resultado encontrado na pesquisa de Silva e Lucena (2010) com o português oral culto de Fortaleza.

No cruzamento entre as variáveis *marcador dubitativo* e *padrão morfofonológico*, verificamos que o modalizador *talvez* favoreceu o subjuntivo com todas formas verbais, sendo categórico com as formas anômalas. Já o modalizador *quem sabe* se mostrou favorecedor do modo subjuntivo apenas em combinação com formas anômalas (67%).

A forte influência desses grupos de fatores na seleção do subjuntivo como uso modal nos mostra ainda que, além de favoráveis à ocorrência do subjuntivo, tais variáveis interagem como recursos sintático-semânticos complementares nesse processo de variação.

Já no que tange à variável *tempo verbal*, percebemos que, mesmo o *corpus* apresentando um número de ocorrências maior no tempo presente, o favorecimento do modo subjuntivo foi mais significativo com verbos no pretérito imperfeito do subjuntivo/indicativo. Os verbos *ter* e *estar* no pretérito imperfeito foram os mais favorecedores do subjuntivo na fala do Cariri. Além de favorecer os ambientes que restringem o modo subjuntivo, a variável *tempo verbal* também favoreceu o uso desse modo em contextos de alternância.

Na análise da variável *verbo da oração* encontramos resultados bastante significativos, dentre eles: o equilíbrio no uso de verbos nos contextos categóricos, com 16 verbos no subjuntivo e 16 verbos no indicativo, totalizando 82% do total dos verbos. Apenas 7 verbos (*ser, ter, aparecer, poder, chegar, conseguir, pensar*) favoreceram o contexto de alternância, correspondendo a 18% do total de verbos do *corpus*.

Os verbos *estar, falar, diminuir e fazer* foram os mais favorecedores do contexto de uso categórico do subjuntivo. Juntos, somaram 10 das 22 ocorrências desse contexto, o equivalente a 45% dentre os verbos que favoreceram o uso categórico do subjuntivo.

Dos 16 verbos obtidos em contexto categórico do indicativo, apenas *encontrar e dar* apresentaram mais de uma ocorrência. Os outros 12 verbos apresentaram apenas uma ocorrência no contexto abordado. O uso categórico, na grande maioria dos verbos de nosso *corpus*, se deve ao fato da gama de verbos que foram encontrados, sem necessariamente ter uma motivação sintático-semântica que explique tal categoricidade.

Os verbos *ter* e *ser* foram os verbos com mais ocorrências em contexto de alternância. No entanto, o verbo *ser* apresentou apenas 1 das 16 ocorrências no indicativo, enquanto o verbo *ter* teve 12 ocorrências no subjuntivo e 5 no indicativo. Foi o verbo que, de fato, mais favoreceu a alternância modal dentre os usos dos informantes na fala do Cariri.

Quanto ao número de verbos da *amostra*, o contexto de alternância apresentou, apenas 7 verbos em todo o *corpus*. No entanto, foi o contexto com maior expressividade em número de ocorrências na *amostra* do que os contextos de uso categóricos. Ou seja, mesmo com poucos verbos, houve um número significativo de ocorrências em orações independentes que favoreceram a alternância dos modos subjuntivo e indicativo na fala do Cariri: das 44 ocorrências, 32 foram no subjuntivo, o que corresponde a 73% desse total.

O que se manteve em equilíbrio, tanto na análise por número de verbos como pela que considerou o número de ocorrências em contextos de uso, foram os valores numéricos relativos aos contextos categóricos: ambos os contextos ocorreram com 16 verbos, e a diferença numérica de ocorrência entre eles foi de apenas 2 dados.

Portanto, percebemos, com base nos resultados apresentados nesta seção, que a região do Cariri cearense alinha-se tanto aos resultados obtidos em pesquisas da região Nordeste, como os de Carvalho (2007) e Barbosa (2013), como aos encontrados por Rocha (1997), por exemplo, que analisou o fenômeno de alternância na região Sudeste (dados do RJ) e Centro-oeste (dados de Brasília).

Concordamos com Carvalho (2007), quando afirma que o fenômeno de alternância não é uma variável de comportamento social estável, o que exige dos próximos trabalhos um aprofundamento/refinamento das variáveis sociais.

Dessa forma, ratificamos que o trabalho aqui apresentado serve como contribuição para estudos futuros, e ressaltamos a necessidade de aprofundamento nas questões que ainda não foram, de fato, solucionadas, seja pela escassez de dados, seja pela necessidade do controle de novas variáveis e/ou refinamento das variáveis clássicas.

Por fim, atestamos que o trabalho com dados reais da comunidade de fala do Cariri foi um importante fator para direcionar a realização de nossas análises, tendo em vista que se facilita a compreensão e a discussão do fenômeno em análise quando tratamos de usos que fazem parte da língua e da realidade do sujeito-investigador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, A. F. **Alternância de formas indicativas e subjuntivas na fala de Vitória (ES)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.
- BECHARA, E. **Moderna gramática do português**. 24. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1999.
- BYBEE, J; PERKINS; PAGLIUCA. **The evolution of grammar**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1994.
- BYBEE, J; FLEISHMANN, S. **Modality in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- BYBEE, J. **Irrealis as a grammatical category**. *Antropological Linguistics*, 40, 1998 (p. 257-271).
- CÂMARA JUNIOR, J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão. 1975.
- _____. **Princípios de Linguística Geral**. Rio de Janeiro: Padrão. 1985.
- CARVALHO, H. M. **A alternância indicativo/subjuntivo em orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- CASTILHO, A. T. de & CASTILHO, C. M. M. de. **Advérbios modalizadores**. In: (org.) **Gramática do português falado**. Vol: II: Níveis de análise linguística. Campinas: UNICAMP, 1993, (213-260).
- CEDERGREN, H; SANKOFF, D. Variables rules: performance as a statistical reflection of competence. **Language**, 50 (2), jun. 1974. (p. 333-55)
- COAN, M. **Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que) perfeito**. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.
- CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.
- DIAS, A. E. da S. **Sintaxe histórica portuguesa**. 5. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1970.
- DOMINGOS, R. de F.de A. **Variação no uso do pretérito imperfeito (indicativo e subjuntivo) na função de cotemporalidade a um ponto de referência passado**. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

FAGUNDES, E. D. **Ocorrências de objeto direto e indireto nas três capitais do Sul do Brasil**: clíticos, pronomes lexicais e ausência de preenchimento. 1997. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.

_____. **O modo subjuntivo no português do Brasil**: uma análise preliminar das entrevistas de Porto Alegre. Comunicação apresentada no XII Encontro Regional do Projeto VARSUL. UFRGS – Porto Alegre, 2001.

_____. **Modo subjuntivo e verbos que expressam conhecimento, crença e opinião**: uma análise voltada para o caso do PB. Comunicação apresentada no V CELSUL. UFPR – Curitiba, 2002.

FIORIN, J. L.. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 1996.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. Washington, DC.: Center of Applied Linguistics, 1966.

_____. The logic of non-standard English. In: ALATIS, J. (ed.) **Georgetown Monograph on Languages and Linguistics**, 22, p. 1-69, 1968.

_____. **The Study of Nonstandard English**. Washington, DC: National Council of Teachers of English, 1969.

_____. **Sociolinguistic patterns**. Oxford : Basil Blackwell, 1972.

_____. Where does de sociolinguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. In: **Working papers in sociolinguistics**. Austin: Southwest Educational Development Laboratories, 1978.

_____. **Principles of linguistic change: internal factors**. v. 1. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of linguistics change: Social factors**. Malden, Massachussets-USA:Blackwell, 2001.

LAVANDERA, B. Where does the Sociolinguistic Variable stop? **Language and Society**, v.7, 1978.

LUCENA, I. L.; SILVA, K. E. do N. Quem sabe/Talvez: uma análise variacionista da modalidade epistêmica no Português Oral Culto de Fortaleza. **Revista do GELNE**: nº 1, v. 12, Piauí, 2010.

LYONS, J. **Semantics**. 2. vol. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MEIRA, V. **O uso do modo subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro**. 2005. Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

MELO, G. C. **Gramática Fundamental da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de Usos do Português**. 6ª edição. São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEIRA, F. **Modalidade e Modo**. In: MIRA MATEUS, Maria Helena et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

PALMER, F. R. **Mood and Modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PAIVA, M. da C. de. **A variável gênero/sexo**. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.) **Introdução à Sociolinguística – o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 33-42.

PAREDES, V. L. A abordagem laboviana. In: **Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL**. Goiânia: UFG, 1993, p. 882-886.

PERINI, M. **Gramática Descritiva do Português**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. **Gramática Descritiva do Português**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____. **Gramática do Português Brasileiro**. 1ª ed. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

PIMPÃO, T. S. **Variação no presente do indicativo do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática**. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

_____. **Presente do subjuntivo e presente do indicativo: um encontro na história**. Florianópolis, 1-16, jan/jun., 2009.

ROCHA, R. C. F. da. **A alternância indicativo/subjuntivo nas orações subordinadas substantivas em português**. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E.. **Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics University of Toronto, 2005.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral**. Trad. Brasileira 27.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHERRE, M. M. P. **Análise e mapeamento de três fenômenos variáveis no português brasileiro**. Projeto de pesquisa aprovado pelo CNPq para o triênio março de 2010 a fevereiro de 2013. Processo: 305429/2009-4. UFES: Vitória, 2010.

_____. **Gênero e identidade no contato linguístico de fortalezenses com a fala brasiliense: o caso do imperativo gramatical.** Brasília: Universidade de Brasília, número especial, Papia, 2011.

_____. YACOVENCO, L. C. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista da Abralin.** Curitiba, Volume Eletrônico, Número Especial, 1ª parte, p. 121-146, 2011.

SERAINÉ, F. Introdução ao atlas linguístico e folclórico do Cariri. In: **Revista do Instituto do Ceará**, nº 86, Fortaleza, 1972. (p 5-23)

SILVA, T. de J. B. e. **Análise lingüística do subjuntivo em português: uma proposta pedagógica.** Piracicaba, 1981. 103 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Metodista de Piracicaba.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 2001.

WEINER, E.J.; LABOV, W. Constraints on the agentless passive. **Journal of Linguistics**, nº 19, p. 29-58, 1983.

WEINREICH, U.; LABOV, W; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: Lehmann, W. P. & Malkiel, Y. (eds.) **Directions for historical linguistics.** Austin: University of Texas Press, 1968.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Chave de codificação PROFALA – 48 informantes (24 homens / 24 mulheres)

1. Variável dependente

1.1 *Modo verbal*

Indicativo = I

Subjuntivo = S

2. Variáveis independentes externas

2.1 *Gênero*

Masculino = m

Feminino = f

2.2 *Escolaridade*

1-8 = 8

9-11 = 9

2.3 *Faixa etária*

15-26 = J

27-49 = A

50-em diante = V

3. Variáveis independentes internas

3.1 Verbo da oração principal

Ser = 0

Ter = 1

estar = 2

dar = 3

poder = 4

aparecer = 5

fazer = 6

diminuir = 7

falar = b

encontrar = c

pensar = d

conseguir = e

chegar = g

gostar = h

organizar = j

sofrer = k

estudar = n

melhorar = o

usar = p

sentir = q

informar = t

servir = u

achar = v

resolver = x

cursar = z

viver = w

ingressar = y

voltar = B

merecer = C

mudar = !
querer = ?
ir = @
deixar = &
continuar = ^
converter = +
começar = =
lutar = \$
acabar = %
corresponder = :

3.2 Padrão morfofonológico

Regulares = r
Irregulares = i
Anômalos = a

3.3 Tempo verbal

Presente do subjuntivo/indicativo = U
Pretérito imperfeito do subjuntivo = M

3.4 Marcador dubitativo

Talvez = T
Quem sabe = Q

3.5 Informante

1 = 0	5 = 4
2 = 1	6 = 5
3 = 2	7 = 6
4 = 3	8 = 7

9 = b

10 = c

11 = d

12 = e

13 = g

14 = h

15 = k

16 = n

17 = o

18 = p

19 = q

20 = u

21 = v

22 = x

37 = ‘

38 = “

39 = ?

40 = !

41 = ç

42 = *

23 = z

24 = y

25 = B

26 = C

27 = <

28 = @

29 = #

30 = %

31 = \$

32 = +

33 = &

34 = >

35 = ^

36 = ~

43 = -

44 = =

45 = `

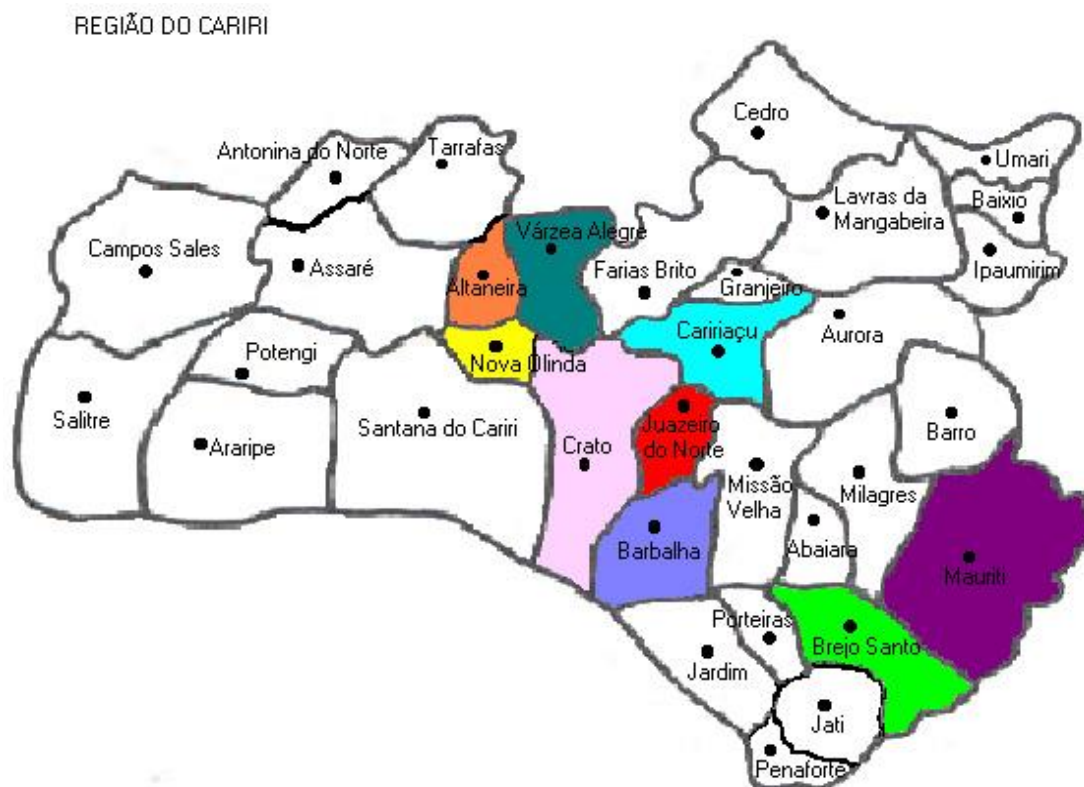
46 = ´

47 = :

48 = Ç

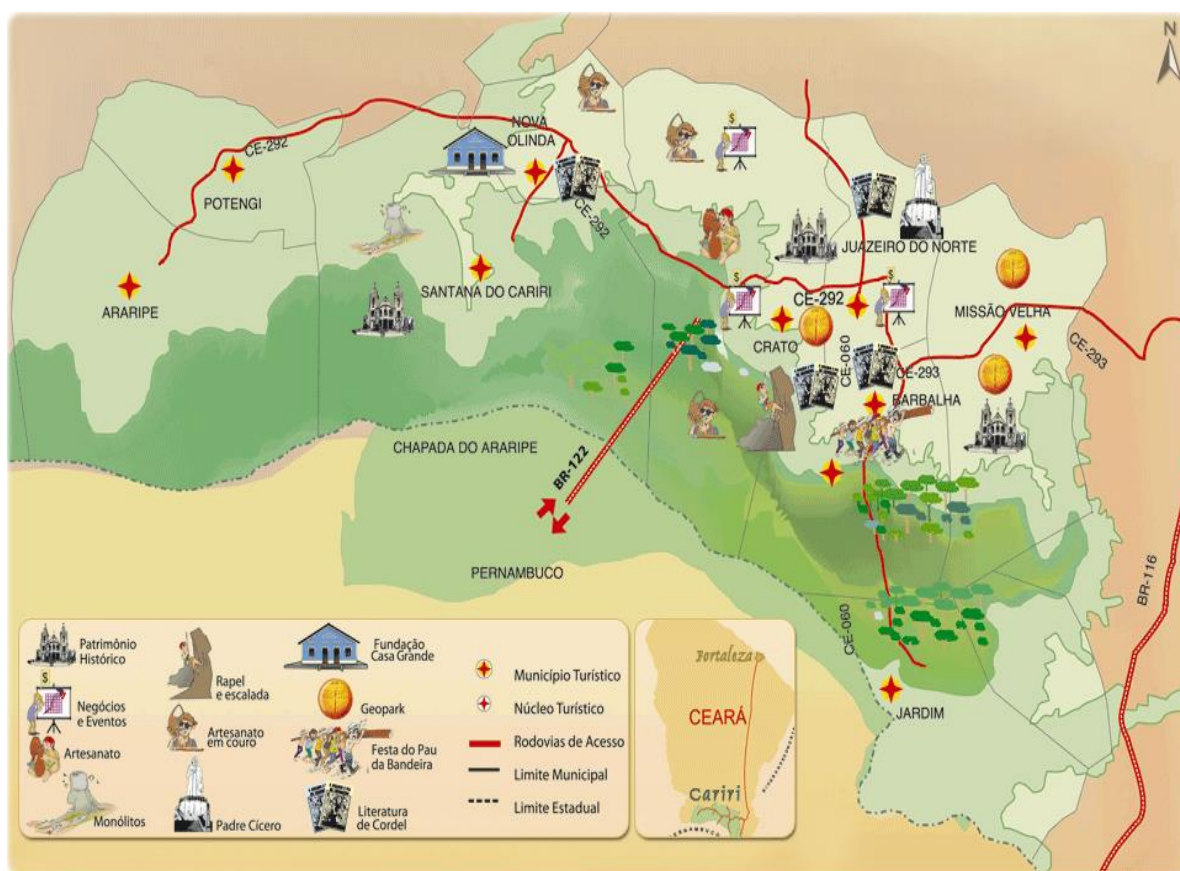
ANEXOS

ANEXO A – Mapa da região do Cariri



Fonte: http://www.profala.ufc.br/dados_cidades.html

ANEXO A – Mapa turístico do Cariri cearense



Fonte: <http://www.ceara-turismo.com/mapas/cariri.htm>